



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharia

## **Projeto de Reabilitação e Requalificação Antigo Cine Teatro de Chaves**

**Rui Filipe Abreu da Cruz**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes  
Co-orientador: Prof. Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno

**Covilhã, Abril de 2016**



A presente dissertação encontra-se escrita ao abrigo do acordo ortográfico da Língua Portuguesa 2015.



## **Dedicatória**

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio, dedicação, exemplo, e por sempre me fazerem lutar como eles lutam. A eles devo tudo o que sou.



## Agradecimentos

Em primeiro lugar, começo por deixar um sincero agradecimento ao meu orientador Professor Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes, ao coorientador Professor Doutor Miguel Costa Santos Nepomuceno, por todo o apoio, dedicação, disponibilidade, paciência, amabilidade e confiança transmitidos ao longo deste trabalho.

à minha família, que desde o início ate ao fim esteve a meu lado, apoiando-me com todos os recursos disponíveis.

A todos os amigos, e os novos descobertos na U.B.I., agradeço o companheirismo, respeito, amizade sempre demonstrados.

Por fim, em registo especial, quero agradecer aos meus pais, que sobre todas as dificuldades e adversidades da vida, nunca deixaram de lutar e depositar toda a confiança em mim e apostado na minha formação, para conclusão de mais uma etapa na minha vida.





## Resumo

Num tempo e contexto em que a reabilitação e os centros históricos das cidades são um tema cada vez mais discutidos em todas as áreas de intervenção a nível mundial, a Arquitetura assume um papel fundamental neste conceito e na forma de o pensar e como aplicar para que a sua essência não seja perdida.

O principal objetivo desta investigação prende-se com a elaboração de uma proposta de reabilitação de um edifício, em elevado estado de degradação, o antigo Cine Teatro da cidade de Chaves. Os Cine Teatros trouxeram o melhor de dois mundos, o mundo do teatro e o mundo do cinema. Até ao século XX o teatro era a principal fonte de entretenimento da população, no entanto, com o chegar do novo cinema, novas formas e formatos de o ver e transmitir tornaram, o teatro um pouco esquecido.

Um pouco por todo o país inúmeros Cine Teatros foram construídos, é onde se observa um abandono dos centros históricos, este vê-se transformado em periferia, surgem novos centros enquanto os tradicionais se veem envelhecer. Os habitantes que povoam o centro histórico já não são habitantes permanentes. Trata-se da realidade do urbano sem vida urbana, e consequente degradação do seu património, sendo imperativo a sua requalificação e preservação para que a sociedade atual e vindoura possam usufruir, apreciar e conhecer a sua importância histórica, intrinsecamente ligada ao local. Este tipo de edifícios com capacidade para se adaptar, aproveitando o que têm de melhor, a sua história e localização, podem vir a tornar-se de novo no centro da cultura das pequenas cidades onde estão implantados.

Esta é a verdade/realidade do antigo Cine Teatro de Chaves que se encontra encerrado há mais de quinze anos, surge então a necessidade de encontrar uma nova oportunidade de se expor como outrora o chamado de Cine - Parque inaugurado em 1929.

## Palavras-chave

Chaves, património, centro-histórico, Cine Teatro, projeto de reabilitação.



## Abstract

In a time and context in which rehabilitation and historical city centres are a topic which is increasingly under discussion in all intervention areas worldwide, architecture plays a key role in this concept and the way it is considered, as well as the manner in which it is applied, so that its essence is not lost.

The main objective of this study concerns the drawing up of a rehabilitation proposal for a building, in an advanced state of degradation, the former Cine Theatre in the city of Chaves. The cine-theatres brought about the best of both worlds, the world of theatre and the world of cinema. Until the twentieth century the theatre was the population's main source of entertainment. However, with the arrival of the new cinema, and new ways and formats of viewing and transmitting it, the theatre was somewhat forgotten.

Numerous Cine Theatres were built all over the country, resulting in the abandonment of historical centres and a movement into the suburbs. The emergence of new centres has become evident as the traditional ones are slowly ageing. The inhabitants that populate the historical centre are no longer permanent inhabitants. This is the reality of the city without urban life, and the consequent degradation of its heritage. Therefore, there is a need for its rehabilitation and preservation so that the current and future society can enjoy, appreciate and learn about its historical significance, which is intrinsically linked to the site. These types of buildings with their capacity for adaptation, taking advantage of the best they have to offer, their history and location, are likely to become, once again, the cultural centre of the small towns where they are located.

Si This is the truth/reality of the old Cine Theatre in Chaves that has been closed for more than fifteen years, making it necessary to find a new opportunity for it to expose itself as it did in the past as the once-called Cine - Park, inaugurated in 1929.

## Keywords

Chaves, heritage, historical center, Cine Theater, rehabilitation project



# Índice

<b>DEDICATORIA</b>	v
<b>AGRADECIMENTOS</b>	vii
<b>RESUMO</b>	ix
<b>PARTE I - FUNDAMENTUM</b>	
<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO</b>	1
1.1- Pertinência da Temática	1
1.2- Objetivos	2
1.3- Metodologia	2
1.4- Estrutura da investigação	3
<b>CAPÍTULO 2 - ESTADO NOVO - Cultura, Arte e Ideologias</b>	4
2.1- Teatro e Estado Novo	4
2.2- Cinema e Estado Novo	5
2.3- De teatros a Cine Teatros	7
<b>CAPÍTULO 3 - CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA À TEMÁTICA - Análises Comparativas</b>	9
3.1- Projetos de referência, Cine Teatros do séc. XX e XXI	9
3.2- Cine Teatro de Fafe, Fafe 1923	11
3.3- Cine Teatro Alba, Albergaria-a-Velha, 1924	13
3.4- Casa da Criatividade, antigo Cine Teatro Imperador, São João da Madeira, 1958	15
3.5- Teatro Virgínia, Torres Novas, 1958	18
<b>PARTE II - A PROPOSTA</b>	21
<b>CAPÍTULO 4 - CHAVES - Território, Cultura e Património</b>	22
4.1- Enquadramento Geográfico	23
4.2- Enquadramento Cultural	25
4.3- Caracterização da Zona Envolvente	28
4.4- Evolução Cronológica e Metamorfoses do Cine Teatro	30
4.5- Estado Atual de Conservação	36
4.6- Cinema e Interioridade - A Problemática	39
<b>CAPÍTULO 5 - MEMÓRIA DESCRITIVA DE REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO - Cine Teatro de Chaves</b>	40
5.1- Memória Descritiva	40
5.2- Conceito	41
5.3- Programa e Funcionalidade	44
5.4- Questões Formais	48
5.5- Materialidade	52
<b>CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO</b>	58

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>61</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>65</b>
<b>PROJETO</b>	

## Lista de Figuras

### **CAPÍTULO 2 - Estado Novo - Cultura, Arte e Ideologias.**

#### **2.3 - De Teatros a Cine Teatros.**

**Figura 2.3.1** - Teatro Diogo Bernardes - Ponte de lima (1893), Cine Teatro de Fafe - Fafe (1923), Constantino Nery - Matosinhos (1906), Teatro Politeama - Lisboa (1913);

[Fonte: <https://mmestima.wordpress.com/2013/11/24/luisa-sobral-teatro-diogo-bernardes-ponte-de-lima>. Consultado a, 8 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.peel.com.pt/teatro-cinema-de-fafe-recuperação>. Consultado a, 8 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.porto24.pt/local/cine-teatro-constantino-nery>. Consultado a, 8 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/2714229734>. Consultado a, 8 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

**Figura 2.3.2** - Teatro Tivoli - Lisboa (1924), Teatro Éden - Lisboa (1937), cinema S. Jorge - Lisboa (1950);

[Fonte: <https://restosdecoleção.blogspot.com/2011/01/teatro-tivoli.html>. Consultado a, 8 de setembro de 2015.]

[Fonte: <https://restosdecoleção.blogspot.com/2011/01/cinema-éden.html>. Consultado a, 8 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/2687952589>. Consultado a, 8 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

### **CAPÍTULO 3 - Contextualização Teórica à Temática - Análises Comparativas.**

#### **3.2 Cine Teatro de Fafe, Fafe, 1923**

**Figura 3.2.1** - Vista das fachadas frontal e posterior, vista do interior da sala e vista em pormenor do teto abobadado da sala;

[Fonte: <https://comartecultura.wordpress.com/2011/12/recuperação-do-teatro-cinema-de-fafe>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://divisare.com/projects/122289-glcs-arquitetos-fernando-gerra-fg-sg-recuperação-do-teatro-cinema-de-fafe>. Consultado a, de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://divisare.com/projects/122289-glcs-arquitetos-fernando-gerra-fg-sg-recuperação-do-teatro-cinema-de-fafe>. Consultado a, de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.glcs.pt/projeto/recuperação-do-teatro-cinema-de-fafe>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

**Figura 3.2.2** - Esquissos de Estudo

[Fonte: Esquisso elaborado pelo autor.]

### **3.3 Cine Teatro da Alba, Albergaria-a-Velha, 1924**

**Figura 3.3.1** - Vista das fachadas frontal e posterior, vista do interior da sala e balcão e vista em pormenor de um dos corredores de acesso à sala;

[Fonte: <https://www.arquitetoruismarinho.pt/projetos/reabilitação-cine-teatro-alba-albergaria-a-velha>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.arquitetoruismarinho.pt/projetos/reabilitação-cine-teatro-alba-albergaria-a-velha>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.arquitetoruismarinho.pt/projetos/reabilitação-cine-teatro-alba-albergaria-a-velha>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.arquitetoruismarinho.pt/projetos/reabilitação-cine-teatro-alba-albergaria-a-velha>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

**Figura 3.3.2** - Esquissos de Estudo.

[Fonte: Esquisto elaborado pelo autor.]

### **3.4 Casa das Artes do Espetáculo, antigo Cine Teatro Imperador, São João da Madeira, 1958**

**Figura 3.4.1** - Vista interior do átrio, vista da fachada e entrada principal, vista do palco para o interior da sala e vista em pormenor das escadas de acesso a plateia;

[Fonte: <https://www.casadacriatividade.com/work/são-joão-da-madeira>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.casadacriatividade.blogs.sapo.pt/casa/são-joão-da-madeira>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.casadacriatividade.com/casa/são-joão-da-madeira>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.casadacriatividade.blogs.sapo.pt/a-casa-739>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

**Figura 3.4.2** - Esquissos de Estudo.

[Fonte: Esquisto elaborado pelo autor.]

### **3.5 Teatro Virgínia, Torres Novas, 1956**

**Figura 3.5.1** - Vista das fachadas frontal e posterior, vista do palco para o interior da sala e vista do foyer de acesso à plateia;

[Fonte: <https://www.glcs.pt/projeto/reabilitação-cine-teatro-virgínia-torres-novas>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://www.glcs.pt/projeto/reabilitação-cine-teatro-virgínia-torres-novas>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://jornaldeviladerei.com/2014/10/25/reabilitação-cine-teatro-virgínia-celebra-58-anos>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]



[Fonte: <https://www.teatrovirginia.com/pt/o-teatro-virginia>. Consultado a, 20 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

### **Figura 3.5.2 - Esquissos de Estudo.**

[Fonte: Esquismo elaborado pelo autor.]

## **CAPÍTULO 4 - Chaves - Território, Cultura e Património.**

### **4.1 - Enquadramento Geográfico.**

#### **Figura 4.1.1 - Localização geográfica do distrito de Vila Real e Chaves no contexto nacional;**

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor.]

#### **Figura 4.1.2 - Enquadramento geográfico de chaves na região do Alto Tâmega e Barroso;**

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor.]

### **4.2 - Enquadramento Cultural**

#### **Figura 4.2.1 - Ponte Romana “também conhecida como ponte de Trajano”;**

[Fonte: <https://chaves.blogs.sapo.pt/2012/12/ponte-romana>. Consultado a, 24 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://chaves.blogs.sapo.pt/ponte-romana>. Consultado a, 24 de Setembro de 2015.]

[Fonte: <https://chaves.blogs.sapo.pt/tag/madalena-ponte-romana>. Consultado a, 24 de Setembro de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

### **4.3 - Caraterização da Zona Envolvente.**

#### **Figura 4.3.1 - Enquadramento geográfico da freguesia de Santa Maria Maior no Concelho de Chaves;**

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor.]

#### **Figura 4.3.2 - Localização e disposição do quarteirão de implantação do Cine Teatro;**

[Fonte: <https://www.openscales.org/demo/index.html/chaves>. Consultado a, 4 de Julho de 2015.]

[A delimitação, a amarelo, do prédio urbano, e tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

### **4.4 - Evolução Cronológica e Metamorfoses do Cine Teatro.**

#### **Figura 4.4.1 - Folheto de inauguração do Cine-Parque, Outubro de 1929;**

[Fonte: Documento fornecido pelo Fernando Pizarro Bravo.]

#### **Figura 4.4.2 - Vistosa entrada para o Cine-Parque, e atual entrada do Cine Teatro de Chaves pela rua de Santo António;**

[Fonte: <https://flaviense.blogspot.pt/2008/05/cine-parque-de-chaves.html>. Consultado a, 4 de Julho de 2015]

[Fonte: Fotografia do autor]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

**Figura 4.4.3** - Requerimento apresentado pela firma Madureira e Xavier à C.M.C, para a construção do Cine Teatro;

[Fonte: Documento fornecido pelo Arquivo da Camara Municipal de Chaves-projeto-de-nadir-afonso.]

**Figura 4.4.4** - Corte longitudinal pela sala de espetáculos e entrada, rua de Santo António, projeto de Nadir Afonso;

[Fonte: Documento fornecido pelo Arquivo da Camara Municipal de Chaves-projeto-do-cine-teatro-nadir-afonso.]

[No âmbito do presente trabalho não se procedeu ao tratamento gráfico destes elementos, o que permitiria a uma visão mais rigorosa na leitura e compreensão das escalas e de desenho do edifício. Ainda assim, revelaram-se como suporte fundamental do desenvolvimento deste trabalho.]

**Figura 4.4.5** - Planta ao nível da plateia, projeto de Nadir Afonso;

[Fonte: Documento fornecido pelo Arquivo da Camara Municipal de Chaves-projeto-do-cine-teatro-nadir-afonso.]

[No âmbito do presente trabalho não se procedeu ao tratamento gráfico destes elementos, o que permitiria a uma visão mais rigorosa na leitura e compreensão das escalas e de desenho do edifício. Ainda assim, revelaram-se como suporte fundamental do desenvolvimento deste trabalho.]

**Figura 4.4.6** - Corte longitudinal pela sala de espetáculos e entrada, rua de Santo António, projeto de Bruno Alves Reis;

[Fonte: Documento fornecido pelo Arquivo da Camara Municipal de Chaves-projeto-do-cine-teatro-bruno-alves-reis.]

[No âmbito do presente trabalho não se procedeu ao tratamento gráfico destes elementos, o que permitiria a uma visão mais rigorosa na leitura e compreensão das escalas e de desenho do edifício. Ainda assim, revelaram-se como suporte fundamental do desenvolvimento deste trabalho.]

**Figura 4.4.7** - Planta ao nível da plateia, projeto de Bruno Alves Reis;

[Fonte: Documento fornecido pelo Arquivo da Camara Municipal de Chaves-projeto-do-cine-teatro-bruno-alves-reis.]

[No âmbito do presente trabalho não se procedeu ao tratamento gráfico destes elementos, o que permitiria a uma visão mais rigorosa na leitura e compreensão das escalas e de desenho do edifício. Ainda assim, revelaram-se como suporte fundamental do desenvolvimento deste trabalho.]

#### **4.5 - Estado Atual de Conservação.**

**Figura 4.5.1** - Atual entrada do Cine Teatro pela rua de Santo António;

[Fonte: Fotografia do autor.]

**Figura 4.5.2** - Travessa Cândido dos Reis, “vista Hotel Trajano”;

[Fonte: Fotografia do autor.]

## **CAPÍTULO 5 - Memória Descritiva De Reabilitação e Requalificação - Cine Teatro de Chaves.**

### **5.1 - Memória Descritiva.**

**Figura 5.1.1** - Esquema geral da proposta em corte;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor.]

### **5.2 - Conceito.**

**Figura 5.2.1** - Esquismo formal da proposta;

[Fonte: Esquismo elaborado pelo autor.]

**Figura 5.2.2** - Esquismo formal da proposta;

[Fonte: Esquismo elaborado pelo autor.]

### **5.3 - Programa e Funcionalidade.**

**Figura 5.3.2** - O programa, piso -1;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

**Figura 5.3.3** - O programa, piso 0;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

**Figura 5.3.4** - O programa, piso 1;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

**Figura 5.3.5** - O programa, piso 2;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

### **5.4 - Questões Formais.**

**Figura 5.4.1** - Diagrama formal da proposta;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

**Figura 5.4.2** - Estratégia criada para a zona de foyer e distribuição;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

**Figura 5.4.3** - O percurso, foyer, piso 0 e piso 1;

[Fonte: Esquema elaborado pelo autor]

**Figura 5.4.4** - Poltrona Flame 13107;

[Fonte: <https://www.figueiras.com/pt/assentos/poltronas/27-13107-flame-html>. Consultado a, 2 de Março de 2015.]

[Tratamento da imagem foi elaborado pelo autor.]

### **5.5 - Materialidade.**

**Figura 5.5.1** - Esquismo formal da proposta;

[Fonte: Esquismo elaborado pelo autor.]

**Figura 5.5.2** - Esquisso da materialidade interior e fachada;

[Fonte: Esquisso elaborado pelo autor.]

**Figura 5.5.3** - Esquisso da materialidade interior do auditório;

[Fonte: Esquisso elaborado pelo autor.]

## Lista de Tabelas

**CAPÍTULO 5 - Memória Descritiva de Reabilitação e Requalificação - Cine Teatro de Chaves.**

**5.3 - Programa e Funcionalidade.**

**Tabela 5.3.1** - Tabela síntese de áreas brutas do projeto;

[Fonte: Tabela elaborada pelo autor.]

### **ANEXOS**

**Tabela** - Avaliação acústica, calculo do tempo de reverberação;

[Fonte: Tabela elaborada pelo autor.]



## Lista de Acrónimos

ARU	Área de Reabilitação Urbana.
CMC	Camara Municipal de Chaves.
DGEMN	Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
IE	Inspeção dos Espetáculos.
IGAC	Inspeção Geral das Atividades Culturais.
IGP	Inspeção Geral dos Espetáculos.
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitetónico.
RGR	Regulamento Geral do Ruído.
RRAE	Regulamento dos Requisitos Acústicos dos Edifícios.
SPN	Secretariado de Propaganda Nacional.
UBI	Universidade da Beira Interior.





“A vida é feita de acasos e por um acaso tornei-me arquiteto,”

“A obra de arquitetura destina-se a ser vivida, tem essa função; quem ama obsessivamente a arte e a independência de espírito não pode sentir-se espartilhado entre regulamentos, legislações, possibilidades construtivas ou gosto do cliente.”

NADIR AFONSO, Nadir Afonso arquiteto

“A LUZ não é algo vago, difuso, que se toma por adquirido porque está sempre presente. Não é em vão que o sol nasce para todos, todos dias.”

CAMPO BAEZA, A ideia construída.



## **PARTE I - FUNDAMENTUM**



# CAPÍTULO 1 - Introdução

## 1.1 Pertinência da Temática

Esta dissertação tem como principais objetivos, compreender e aprofundar o papel atual da arquitetura na reabilitação e a sua influência nos centros históricos, estes são temas cada vez mais debatidos e discutidos em todas as áreas de intervenção. Assim, a arquitetura assume um papel fundamental no conceito, forma e matéria de construção; a construção nova, as operações de manutenção e requalificação deste tipo de edifícios são responsáveis por uma parte significativa do desenvolvimento e sustentação dos centros históricos e das próprias cidades.

Por isso é preciso entender e perceber o porquê do abandono, e degradação de este tipo de equipamentos; revendo todos os processos históricos, culturais, económicos e sociais até ao século XX. Em 1927, numa época em que o cinema congregava as preferências do público, se insinuava e era considerado como espetáculo de massa, dezenas de salas de espetáculos foram construídas por todo o país; essas mesmas salas foram dotadas de um novo espaço, de equipamentos e funcionalidades que lhes permitia agora congregar o cinema ao teatro num mesmo espaço, podendo assumir-se como verdadeiros pólos de representação das pequenas entidades locais.

Assistimos hoje a muitos casos de cine teatros construídos nos centros das principais cidades, na maioria encontrados num elevado estado de degradação e abandono, por parte das entidades, que devido à sua grandeza e difícil manutenção os deixaram levar ao seu encerramento e degradação que perdura até aos dias de hoje.

Esta prática da Arquitetura da Reabilitação e Requalificação assume um papel fundamental para que o património volte a ganhar de novo a sua identidade e a sua importância enquanto testemunhos do passado. Perante estes factos propusemo-nos estudar os fundamentos destes resultados, e analisar as falhas e os impactos destas intervenções, propondo, do nosso ponto de vista, aquela que seria a melhor abordagem e uma atitude mais correta perante este tipo de problemas que afetam a sociedade de hoje.

## 1.2 Objetivos

Face ao exposto, os principais objetivos são:

- Analisar e compreender a sociedade onde este se insere;
- Perceber a importância e o impacto que a reabilitação tem nos centros históricos das cidades - principalmente a zona onde estes edifícios estão implantados;
- Analisar e identificar problemas atuais que afetam diretamente o imóvel - para que a sociedade atual e vindoura possam usufruir, apreciar e conhecer a sua importância histórica, intrinsecamente ligada ao local;
- Elaborar uma estratégia de intervenção, com detalhe numa proposta de reabilitação e requalificação com vista às necessidades atuais que o presente edifício necessita para aplicações concretas no futuro;

Mais especificamente:

- Identificar e proceder ao levantamento na área de estudo e perceber os cheios e vazios nela presente;
- Identificar e catalogar quais serão as melhores opções a ser tomadas para um melhor funcionamento do conjunto o imóvel e o centro histórico;
- Elaborar uma estratégia de intervenção de modo a dar resposta aos problemas anteriormente detetados, para assim sermos capazes de aplicar estes conhecimentos na reabilitação do edifício;
- Desenvolver detalhadamente toda a composição do imóvel, bem como todos os mecanismos e materiais necessários para o seu melhor funcionamento;

## 1.3 Metodologia

A metodologia a ser aplicada assentará nas seguintes fases:

### 1. Recolha de informação no local:

- a) Permanente e direta relação com o local de estudo, através de visitas à cidade de Chaves para recolha de todo o tipo de material disponível acerca do tema;

- b) Identificação e levantamento de fatores da população, ver o modo como esta aprecia a cultura, de que forma utiliza este tipo de equipamentos culturais, como surgiram os Cines Teatros, e que problemas vieram a colmatar. Não esquecendo também as razões que geraram o seu abandono e decadência;

2. Desenvolvimento do corpo teórico da dissertação:

- a) Analisar, compilar e proceder ao tratamento de toda a informação recolhida, bem como todas as pesquisas feitas através dos mais variados formatos - leitura de monografias, bibliografias, publicações, (etc.)
- b) Elaborar uma contextualização teórica à temática, através de análises comparativas;
- c) Elaborar estudos baseados em casos contruídos, de forma a enriquecer a componente de estudo;
- d) Analisar morfologicamente a parte da cidade (centro histórico) em questão, as atividades e usos presentemente patentes nos edifícios adjacentes;

3. Elaboração da proposta arquitetónica:

- e) Levantamento do imóvel escolhido, através da visita ao mesmo, de desenhos técnicos, fotografias e de fichas de trabalho.
- f) Análise dos problemas detetados e definição do programa a incluir na proposta de forma a dar resposta a estes;
- g) Elaboração de esquemas e diagramas que juntamente com a memória descritiva e justificativa da proposta, desenhos técnicos detalhados das peças necessárias e conceção de modelos reais e virtuais para uma melhor compreensão do projeto;

## 1.4 Estruturação da Investigação

A presente dissertação encontra-se organizada em duas partes fundamentais.

A primeira parte “PARTE I - Fundamentum”, diz respeito ao enquadramento teórico, englobando os capítulos “1- Introdução”, “2- Estado Novo - cultura, arte e ideologias”, “3- Contextualização Teórica à temática - análises comparativas”.

Pretende-se com estes capítulos o estudo dos conceitos que fundamentam a componente prática desta investigação, nomeadamente, pela exploração dos temas e análise à influência que o Estado Novo teve no desenvolvimento do cinema e teatro em Portugal, designadamente o cinema propaganda.

A segunda parte do estudo, “PARTE II - A PROPOSTA”, constitui a componente prática da investigação. Nela estão inseridos os capítulos, 4, 5, 6. Com o capítulo 4 - “CHAVES - Território, Cultura e Património”, propondo - se estudar a geografia e cultura presentes, bem como, o carácter arquitetónico presente no local e todas as metamorfoses ocorridas ao longo da sua existência até ao seu estado atual de conservação. O capítulo 5 - “Memória Descritiva De Reabilitação e Requalificação - Cine Teatro de Chaves”, apresenta a proposta de intervenção, bem como todos os desenhos para a sua compreensão, e assim aplicar as premissas defendidas ao logo deste trabalho, que possam servir de suporte para o conhecimento e reconhecimento destes equipamentos como exemplos de património arquitetónico nacional. O capítulo 6 - “CONCLUSÃO”, vem terminar todo o trabalho realizado anteriormente, com a conclusão geral de todos os capítulos.

O projeto de arquitetura. E os esquemas acústicos do auditorio com as respetivas peças desenhadas encerram esta dissertação.

## **CAPÍTULO 2- Estado Novo - Cultura, Arte e Ideologias**

Não se pretende aqui um trabalho intensivo sobre um tema específico, mas apresentar uma reflexão sobre todas as áreas que a parte prática envolve desde o Cinema e Teatro no Estado Novo, aos Cine Teatros do séc. XX e XXI, e património a que este tipo de edifícios está ligado; o objetivo aqui é ligar e envolver todos os temas, relacioná-los, para permitir dentro dos possíveis uma base contextual, referindo apenas o que seria relevante para a elaboração do projeto.

### **2.1 Teatro e Estado Novo**

Com o afastamento de Mendes Cabeçadas através do golpe militar de 17 de junho de 1926 e a vitória do grupo de fiéis ao General Gomes da Costa apontavam para uma vitória das forças antiliberais. Entramos assim no período da ditadura militar que vai perdurar até 1933.

Com a publicação do decreto nº. 13564 em maio de 1927, pelo Ministério da Instrução Pública em relação ao teatro com o objetivo de estabelecer regras para o funcionamento das empresas de espetáculos de forma a assegurar os “legítimos interesses dos artistas, autores, tradutores”<sup>1</sup> e demais profissionais e profissões relacionadas com este universo do teatro.

---

<sup>1</sup> Decreto n.º 13564 de 6 de maio de 1927.



Considera mesmo que é necessário adotar medidas “que criem atmosfera propícia ao desenvolvimento do reportório nacional, certificando o teatro português.”<sup>2</sup>

Este decreto cria também a Inspeção-Geral dos Teatros.

*“Artigo 1.º A fiscalização superior de todas as casas e recintos de espetáculos ou divertimentos públicos é exercida pelo Ministério da Instrução Pública, por intermedio da Inspeção Geral dos Teatros e seus delegados.”<sup>3</sup>*

Estavam também descritas as diversas funções que iam desde a concessão de licenças profissionais aos artistas, fiscalização das companhias nacionais, fiscalização do cumprimento das obrigações dos empresários para com os artistas, direitos de propriedade, aplicar multas, autorizar os espetáculos públicos e os programas e “fiscalizar os espetáculos e promover a repressão de quaisquer fatos ofensivos da lei, da moral e dos bons costumes”<sup>4</sup>

Desta forma, a Inspeção-Geral dos teatros era constituída por quatro setores, Teatros do Estado, Expedientes e Vistos, Arquivo e Biblioteca e Constituição de empresas (Artigo 5). No âmbito do Ministério da Instrução Pública, em 1929 é criada a então Inspeção-Geral dos Espetáculos, que integrava a um Conselho Superior de Inspeção.

A Inspeção-Geral dos Espetáculos tinha como competências para fiscalizar as atuações teatrais, para analisar e reprimir aspetos ofensivos da lei, à moral e aos bons costumes. Assim como processos para fins de censura eram instruídos de forma muito simples, muitas vezes, as observações eram escritas a lápis nas páginas e os traços sobre o texto indicavam as partes, ou páginas, que deveriam ser cortadas. Este foi uma prática seguida até 1933.

Por fim, é na década de 1940 que a censura ao teatro e ao cinema é objetivo de uma progressiva organização dos serviços e dos procedimentos e de um maior rigor.

## 2.2 Cinema e Estado Novo

A Europa vê surgir, com a Primeira Grande Guerra, os primeiros aparelhos de propaganda do Estado, como meio de alcançar o apoio necessário para a respetiva posição no conflito. No final da guerra, os países europeus onde se implantam os regimes totalitários modernos institucionalizam a propaganda como meio de divulgação da nova organização do Estado.

Com a ascensão e consolidação dos modelos autoritários na Europa, em particular na Itália, Alemanha e Espanha, a censura e o controlo dos meios de comunicação e da produção

<sup>2</sup> Decreto n.º 13564 de 6 de maio de 1927.

<sup>3</sup> Decreto n.º 13564 de 6 de maio de 1927.

<sup>4</sup> Decreto n.º 13564 de 6 de maio de 1927, Artigos 1, 10 e 11.

artística, vão funcionar como instrumentos de afirmação e de ideais de um Estado, baseado na ideia de Nação, que definia a ordem, tradição e o nacionalismo, a unidade nacional e o papel do líder. Os meios de comunicação e a arte, vão trabalhar imagens e slogans capazes de concretizar esses conceitos e de atingir, de forma rápida e eficaz, o maior número de pessoas.

Surge assim, uma arte nacional, doutrinada e subordinada ao discurso e à respetiva propaganda ideológica.

“Como nos outros países, a propaganda passava no Estado Novo muito especialmente pelo canal mais «real» do documentário, que, através da «informação», procurava engradecer a obra de Salazar no domínio das obras publicas, a «menina dos olhos» do regime, mas também do fomento agrário e industrial, e divulga os grandes atos da vida cívica,”<sup>5</sup>

Em Portugal, a partir de 1933 com a institucionalização do Estado Novo é também criado o Secretariado de Propaganda Nacional, o SPN<sup>6</sup> vai assumir, de igual modo, impor no regime português uma identidade nacional baseada em valores e acontecimentos históricos, organizado a sociedade em estruturas representativas dos interesses económicos, industriais ou profissionais que condicionavam a participação do cidadão na vida cívica, criando uma estrutura política a partir da figura do chefe do governo.

Tal como no resto da Europa, tais ações e discursos ideológicos necessitaram do papel da propaganda para os vincular. Nas palavras do próprio Salazar, “ Penso também em sugerir a organização de grandes espetáculos de cinema popular onde o povo possa entreter-se, simultaneamente, com filmes educativos e com filmes que o divirtam. Convenceremos assim o povo, pouco a pouco, de que pensamos nele, de que a sua felicidade e o seu bem-estar constituem uma das nossas maiores preocupações”<sup>7</sup>. O secretariado vai assumir um papel fundamental na definição da própria imagem do regime e consequente na mensagem ideológica a transmitir; fica, assim, responsável pela informação e pela formação.

“Os documentários de António Lopes Ribeiro, que, com Leitão de Barros, um dos cineastas mais ligados ao regime e que mais trabalhou para ele, deixaram-nos algumas cenas clássicas deste tipo de cinema, pelas suas qualidades estéticas, pelo significado da propaganda ou pelos acontecimentos neles filmados”.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> TORGAL, Luís Reis, O cinema sob o olhar de Salazar. Lisboa: Temas e Debates, 2001, p. 69

<sup>6</sup> Criado pelo Decreto nº 23.054 de 25 de Setembro de 1933, na dependência direta do Presidente do Conselho, o SPN viria a afirmar - se como um dos mais importantes instrumentos de legitimação do próprio estado. Com o objetivo central de “difundir, coordenar e organizar” a obra realizadas pelo próprio regime, o SPN procura também definir o “pensamento moral que deve dirigir a Nação”.

<sup>7</sup> PEREIRA, Wagner Pinheiro, CINEMA PORTUGUÊS UM GUIA ESSENCIAL, 1930-1939 Cinema Português de Salazar, SESI-SP editora, 2013. p. 93.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 70.

## 2.3 De Teatros a Cine Teatros

Seguindo o exemplo que vinha já da promoção das salas de Espetáculos e Teatros no final do século XIX, a idealização da nova geração de equipamentos de recreio é, na sua grande maioria, de iniciativa privada e local. Motivados, não só pelo aspeto comercial, mas também pelo prestígio associado a estes espaços e aos eventos neles realizados. Na realidade, não era só em Lisboa e no Porto, mas também nas cidades de dimensão média, estes eram, muitas vezes, os únicos locais de encontro adequado a uma burguesia em ascensão e que se interessava pelos prazeres de uma nova sociabilidade.

Através das salas de espetáculos que surgem ao longo do século XX, nomeadamente os Cinemas e os Cines Teatros, o fenómeno vai ser bastante semelhante ainda que essas construções passam a ser prioritariamente edifícios novos, construídos para o efeito.

Assim, a intervenção de grandes proprietários e pessoas influentes, de coletividades e associações e até de grupos de pequenos burgueses associados está presente, desde sempre, nas iniciativas da construção dos vários equipamentos de lazer, nomeadamente daqueles relacionados com os espetáculos, é muito frequente encontrar essas influências, precisamente pela sua vontade de afirmação e reconhecimento na sociedade, no Teatro Diogo Bernardes de Ponte de Lima (1893), Cine Teatro de Fafe (1923), Constantino Nery de Matosinhos (1906), mas também no Teatro Politeama inaugurado em Lisboa, em 1913.



Fig. 2.3.1 - Teatro Diogo Bernardes - Ponte de Lima (1893), Cine Teatro de Fafe - Fafe (1923), Constantino Nery - Matosinhos (1906), Teatro Politeama - Lisboa (1913).

Também as indústrias apostavam na construção de uma sala de espetáculos dedicada aos trabalhadores e familiares. O primeiro terá sido o Teatro Stephens cujo edifício original foi construído em 1786, integrado na Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande. Também a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, instalada em Ílhavo em 1824, tinha no seu complexo um teatro destinado aos seus trabalhadores.

Ainda que sem a mesma tradição, conhecem-se também exemplos em que a promoção ou a aquisição desses equipamentos conta com a participação de entidades como Câmaras Municipais e Misericórdias, no entanto, este fenómeno ganha alguma expressão nas primeiras décadas do século XX quando, em resposta a novas regulamentações sobre estes

equipamentos, muitas sociedades proprietárias sem capacidade financeira para manutenção e promoção leva a uma aquisição por parte das autarquias que visa assim evitar o encerramento, face à falta de meios ou de interesse da sociedade proprietária, para assim corresponder e cumprir a legislação de 1927, que visava um grande reforço das condições de funcionamento e segurança dos teatros.

Com o aparecimento dos espetáculos ambulantes de cinema estes locais ganham mais uma valência. Do mesmo modo a construção de equipamentos de recreio, centra-se na construção de salas de espetáculos capazes de receber de forma permanente o cinema, que se afirmava como uma atividade que atraía grandes audiências e de um forte desenvolvimento, com o preço relativamente barato das sessões permitia assim uma maior rentabilidade, e abrangendo um maior número de espetadores.

Algumas das primeiras salas dedicadas ao animatógrafo são impulsionadas por grupos especializados, fotógrafos e empresários da distribuição e projeção cinematográfica.

Quando o cinema se afirma como uma nova atividade surgem as mais importantes salas do país, o Tivoli (1924) e o novo Éden Teatro, inaugurado em 1937. Localizado também em plena Avenida da Liberdade, o cinema S. Jorge (1950), que viria a afirmar-se como uma das mais importantes salas de espetáculos da capital.

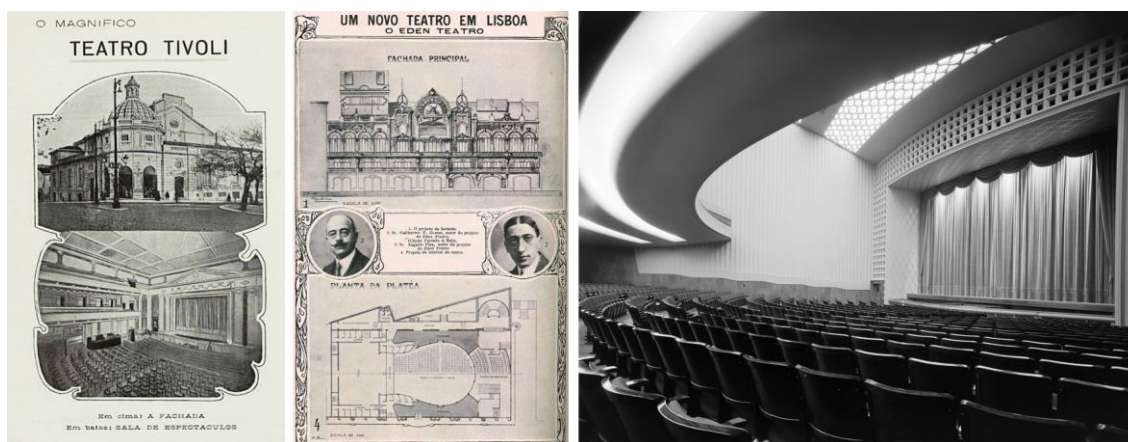


Fig. 2.3.2 - Tivoli - Lisboa (1924), Teatro Éden - Lisboa (1937), cinema S. Jorge - Lisboa (1950).

Para os cinemas de bairro, a iniciativa ficava a cargo de comerciantes ou das associações desses mesmos bairros; valorizando a escala local, a importância social e urbana da imagem das cidades de menor dimensão e visibilidade.

Com o avançar do século XX, o ambiente cosmopolita das cidades é marcado pela existência dos seus equipamentos de recreio, os cinemas surgem como edifícios de autonomia tipológica e uma arquitetura de representação urbana torna-os proeminentes na cidade devido à sua localização e imagem.

Dentro do universo dos equipamentos de recreio, os cinemas ganham um enorme protagonismo substituindo, nas cidades e bairros, o papel dos Teatros enquanto grande equipamento de referência. É neste contexto que um grande número de pequenas e médias cidades de Portugal assistem, entre os anos de 1930 e 1960 ao surgimento de uma nova sala de espetáculos, de promoção privada, que invariavelmente se denominará de Cine Teatro.

## **CAPÍTULO 3- Contextualização Teórica à Temática**

### **- Análises Comparativas**

Esta é uma análise que pretende enquadrar a matéria, sobre investigações de Cine Teatros, num contexto arquitetónico de reabilitação, através de projetos representativos que possam contribuir para a compreensão desta mesma temática.

Foram escolhidos quatro exemplos de Cine Teatros e teatros distintos, salientando apenas o mais importante de cada projeto, mas que possibilite o entendimento claro da distribuição e organização de cada intervenção. A análise procura os pontos principais e ideias/conceito de cada projeto.

A intenção deste estudo será também gerar possíveis diretrizes que possam ajudar na elaboração e fundamentação das propostas.

### **3.1 Projetos de Referência, Cine Teatros do séc. XX e XXI**

A partir da restauração da democracia política, em 1974, Portugal tinha um parque de salas de espetáculo constituídas maioritariamente por dois grupos de edifícios. Estes equipamentos, que materializavam a conciliação dos espetáculos de cinema e teatro num edifício único, por um lado, os velhos teatros à italiana<sup>9</sup>, construídos, entre meados dos séculos XIX e as vésperas da Primeira Guerra Mundial, com particular incidência nas décadas de 1880 a 1910, por outro lado os Cine Teatros construídos no centro das principais cidades

---

<sup>9</sup> A expressão “Teatro à Italiana” alude a toda uma linhagem de edifícios teatrais desenvolvida em Itália a partir de finais do séc. XVI. Caracteriza-os - em contraponto aos da Antiguidade Clássica, aos Isabelinos e aos Pátios de Comédias do “siglo d’oro” espanhol - a confrontação de dois elementos complementares: cena e sala. A “boca de cena” articula ambos os espaços, enquadrando o palco e constituindo uma barreira imaginária entre este e a sala. E a cena é composta por um palco que conforma o espaço de representação, a que se sobrepõe uma caixa vazia. Nesta “caixa mágica” sucessivos bastidores definem quadros com pinturas, progressivamente mais pequenas quanto mais afastadas da sala, criando uma ilusão de profundidade de grande realismo, assegurando ainda a possibilidade prática da sua rápida mutação. Tratava-se de um dispositivo que foi consequência, direta e aplicada, das “regras da perspetiva” desenvolvidas no Renascimento.

nos anos de 1930, 1940 e 1950. Esta construção coincide, em termos gerais, com o período politicamente definido por Estado Novo “1927 e 1959”.

Os primeiros eram de um modo geral espaços de dimensões relativamente pequenas, muitas delas com capacidade de 500 a 800 lugares. Os segundos eram edifícios gigantescos, e monumentais, com lotações previstas que chegavam aos 1200 ou 1300 lugares, embora em alguns casos pudessem ter uma utilização diversificada; na sua maioria destinavam-se à projeção de cinema, sobretudo à medida que este foi incorporado todas as novas tecnologias, que fascinavam as audiências e atraíam multidões.

Em 1998, Jochen Dietrich, afirma: “ fotografei mais de 90 Cine Teatros em todo o país. Vi igrejas que foram transformadas em salas de projeção, e cinemas que se transformaram em locais de culto; encontrei Cine Teatros perfeitamente decrepitos e outros restaurados com cuidado e muito dinheiro investido. Apenas 60 anos (ou menos) após a sua edificação, muito dos cinemas tornaram-se velhos, e decrepitos e na maior parte abandonados; No entanto, ainda lá se encontra tudo, ainda era possível salvar tudo.”<sup>10</sup>

Por conseguinte, são escolhidos os quatro casos de estudo, no sentido de encontrar um suporte que esteja na base da minha proposta de reabilitação do Cine Teatro de Chaves. Desta forma, a seleção recaiu nos projetos; do Cine teatro de Fafe, Cine Teatro ALBA de Albergaria a Velha, Casa das artes do Espetáculo antigo Cine Teatro Imperador de São João da Madeira, por último o Teatro Virgínea de Torres novas.

---

<sup>10</sup> DIETRICH, Jochen - Cine Teatros de Portugal. Leiria: Tipografia LIS, 1998. p. 58.

### 3.2 Cine Teatro de Fafe, 1923



Fig. 3.2.1 - Vista das fachadas frontal e posterior, vista do interior da sala e vista em pormenor do teto abobadado da sala.

Encerrado desde o princípio dos anos 80, “O Teatro Cinema” é um dos principais motivos de interesse arquitetónico e cultural da cidade de Fafe, edificado em 1923 por iniciativa de José Summavielle, situado na Rua Monsenhor Vieira de Castro Soares, importante marco cultural, sendo “considerado um dos melhores teatros da região norte do País”.

Fachada de decoração invulgar, e de harmonioso recorte, erguido por iniciativa privada marca o fim dos “brasileiros” e seus descendentes, fechando o ciclo da emigração para o Brasil, terra de rápido enriquecimento. O teatro tem uma lotação aproximada de 300 lugares, incluindo plateia, as frisas e camarotes. Além do teatro e cinema, a casa de espetáculos foi utilizada ao longo dos seus anos de atividade pelas coletividades locais, mas também como instrumento de propaganda política da oposição ao Estado Novo.

Com o decorrer do tempo, o edifício foi ficando degradado e com isso, deixou de ter condições para o seu melhor funcionamento, pelo que foi encerrado em 1981, por determinação da Direção Geral dos Espetáculos, por ameaçar ruína, pondo em perigo visitantes e companhias residentes.

Após um encerramento de aproximadamente 20 anos, a Câmara municipal vai adquirir o imóvel em 2001, para assim proceder à sua recuperação e restauro, bem como dotar o espaço com as mais modernas condições de funcionamento e de utilização. Em 2008 deu-se início às obras de restauro em coautoria com Arquiteto António Guedes, a intervenção proposta parte de um princípio de restauro, manutenção da identidade, materialidade do edifício e envolvente, dotando-o de equipamentos e infraestruturas que permitam acolher as diferentes artes do espetáculo.

Desse modo a recuperação é elaborada em três fases complementares, em primeiro lugar, restauro e consolidação das estruturas do espaço existente, segunda, a introdução de um novo corpo complementar ao edifício existente, com sala de cinema, camarins, administração

e academia de música José Atalaya<sup>11</sup>, terceira e última, construção de uma “pele” que revestiria todo o edifício à exceção da fachada principal e servirá de espaço técnico para todas as instalações necessárias, adquirindo função plástica e cenográfica testemunho da contemporaneidade do equipamento cultural.

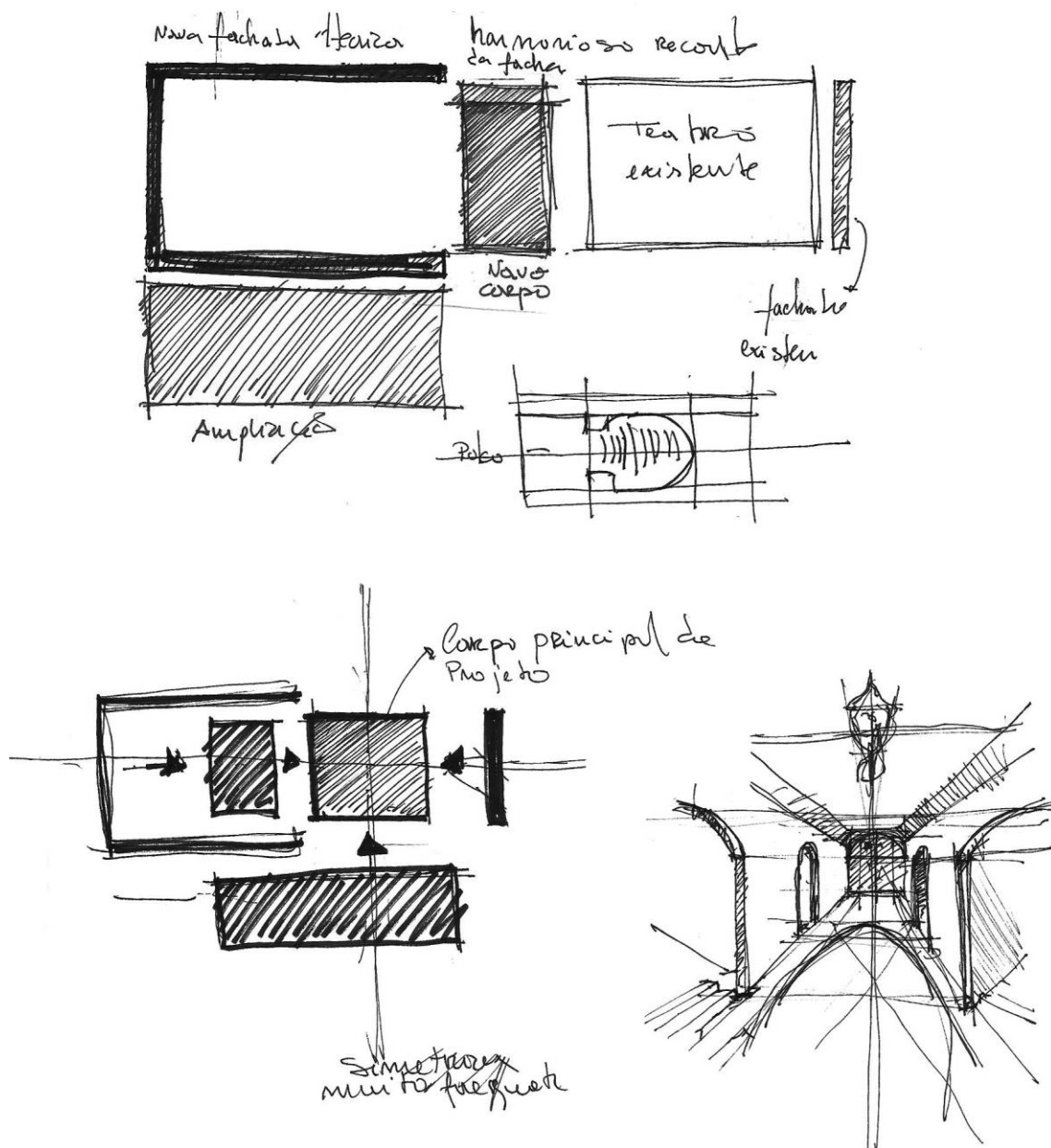


Fig. 3.2.2 - Esquisso de Estudo.

<sup>11</sup> A academia de Música José Atalaya é atualmente uma instituição reconhecida pela comunidade como um espaço culturalmente enriquecedor.

Esta escola de música disponibiliza cursos do ensino básico e do ensino secundário reconhecidos pelo Ministério da Educação.

A intervenção da Academia de Música José Atalaya passa também por iniciativas de sensibilização e divulgação musical, abertas à comunidade e em parceria com a Câmara Municipal de Fafe.



### 3.3 Cine Teatro da Alba, Albergaria-a-Velha, 1924



Fig. 3.3.1 - Vista das fachadas frontal e posterior, vista do interior da sala e balcão e vista em pormenor de um dos corredores de acesso à sala.

A história dos Cine Teatros em Albergaria terá o seu início no ano de 1869, em aproximadamente 50 anos, foram várias as tentativas, e os intervenientes, para a construção de um espaço destinado ao teatro. Já na segunda década do século XX, um grupo impulsionado pelo seu presidente, consegue fazer erguer um grande edifício, com uma bela e imponente fachada Arte Nova, da autoria do arquiteto aveirense Silva Rocha. O teatro abriu pela primeira vez ao público em 1924, sendo um polo de cultura e divertimento, na arte dramática e no cinema.

A 15 de Outubro de 1945, começa a escrever, então, a nova história do Cine Teatro Alba, com o requerimento para a demolição do Teatro existente e construção, no mesmo local, dum novo edifício, inaugurado a 11 de Fevereiro de 1950, dotado de excelentes condições técnicas, palco de um enorme reportório cultural. O cinema teve papel preponderante na dinamização e crescimento do Cine Teatro.

Após três décadas de glória, nos anos 80, o Cine Teatro Alba começa a definhar, quer em termos físicos, quer técnicos, muito pelo manifesto declínio da atividade cinematográfica, um pouco por todo o País, levando ao seu fim, total ou parcial.

O renovado Cineteatro Alba é um elemento marcante na cidade, com muita importância no imaginário da população residente, pela localização privilegiada no centro urbano.

O papel do arquiteto nesta intervenção foi, em primeiro lugar, compreender esta atividade, fazer uma triagem dos aspetos ou elementos de inegável valor arquitetónico, remodelação profunda de forma a cumprir os requisitos de qualidade construtiva e funcional, características de um equipamento desta natureza nos dias atuais.

É um edifício composto por quatro pisos que, pelas suas características e valências, é dotado de flexibilidade e polivalência para apresentar uma programação regular e transversal aos

diversos públicos, é um espaço de fruição cultural onde o público pode usufruir dos diversos ambientes, assumindo-se como o ponto de encontro da cidade de Albergaria-a-Velha.

A nova solução arquitetónica baseou-se numa estratégia orientada segundo três aspetos fundamentais, restauro e prevenção de elementos de inegável valor arquitetónico, estético e construtivo; remodelação profunda de áreas existentes; ampliação do antigo edifício, com construção de raiz.

O projeto pretendeu conciliar duas linguagens arquitetónicas, assumindo um carácter contemporâneo e o respeito pelo existente, e assim transmitir uma simplicidade formal, ao mesmo tempo, destacar-se com elemento simbólico, estruturante do tecido urbano, de modo a não provocar choques visuais ou ambientes negativos.

A imagem antiga foi respeitada e protegida, mantendo o alçado principal que caracteriza o projeto inicial, a sala de auditório foi mantida sofrendo uma profunda remodelação interior, “a solução arquitetónica contemplou a preservação e restauro das cadeiras «Alba» existentes no balcão”, “O respeito pelo desenho existente e a sua conciliação com uma nova linha contemporânea, projetada especialmente para este auditório, foi uma mais-valia para a obra.”<sup>12</sup>

“A construção nova destaca-se harmoniosamente com no conjunto, onde uma «caixa de madeira» e um volume revestido de zinco comunicam esteticamente com as pré-existências.”<sup>13</sup>

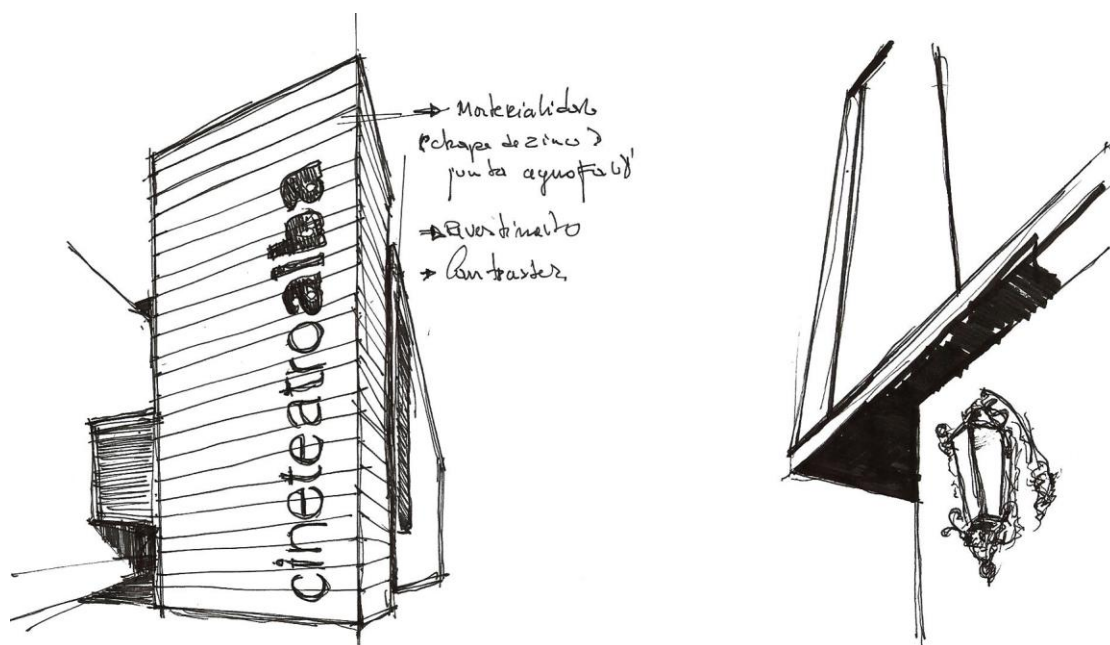


Fig. 3.3.2 - Esquisso de Estudo.

<sup>12</sup> <https://arquitetoruirosmaninho.pt/projetos>, CINETEATRO ALBA

<sup>13</sup> Ibidem.

### 3.4 Casa das Artes do Espetáculo, antigo Cine Teatro Imperador, São João da Madeira, 1958



Fig. 3.4.1 - Vista interior do átrio, vista da fachada e entrada principal, vista do palco para o interior da sala e vista em pormenor das escadas de acesso à plateia.

Inaugurado no final de 1958, o Cine Teatro Imperador foi durante décadas, a principal e grande casa de espetáculos da cidade de São João da Madeira. Marcado pelo desenho das suas elegantes fachadas, marca também a cidade pela sua localização privilegia na Praça 25 de Abril. Cinquenta anos depois da sua abertura ao público, muito pela decadência das atividades cinematográficas em Portugal, desta forma entra em fase de declínio, deixando de apresentar qualquer tipo de programação de tal forma que acaba por ditar a sua deterioração e posteriormente o seu encerramento.

Conforme referencia Filipe Oliveira Dias, “São João da Madeira carece absolutamente de um teatro Municipal que, no Portugal moderno, constitui um equipamento indispensável de afirmação e promoção cultural, beneficiando a generalidade dos que habitam e trabalham na cidade e na região, especialmente a juventude.”<sup>14</sup>

Nesse âmbito, é feita a aquisição do imóvel pela Câmara Municipal, em coautoria com o arquiteto Filipe Oliveira Dias para então proceder as obras de restauro do antigo Cine Teatro Imperador. Trata-se pois de um espaço de uma versatilidade total, permitindo abranger, nas melhores condições, Ópera, Teatro, Concerto Sinfónico, de Rock e Contemporâneo, Artes Circenses, Congressos, Apresentações e Passagens de Modelos, Grupos Corais e Estúdio de Televisão.

“Trata-se pois de uma moderna sala Multifuncional, a primeira a instalar no nosso país, mas que já tem sólida experiência em diversas cidades europeias e mundiais de roteiro cultural obrigatório.”<sup>15</sup>

<sup>14</sup> DIAS, Filipe Oliveira, *Memória Descritiva, Estudo Prévio de Arquitetura*, 2005, p. 2.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 2.

O edifício do antigo Cine Teatro Imperador agora “Casa das Artes do Espetáculo”, toda a essência multifuncional da nova solução arquitetónica, foi basicamente dividida em três volumes com funções bem distintas. Ao centro, o espaço mais importante, que é a sala de espetáculos. O espaço circundante, entre dois paralelepípedos, foi dividido, segundo o eixo principal em dois volumes desiguais. O maior, localizado na zona de entrada principal, é destinado ao público, com zonas de estar e de acessos aos deferentes níveis da sala. O terceiro volume é exclusivamente constituído por zonas técnicas e de artistas.

Paralelamente, a imagem antiga é preservada, mas não mimeticamente. As janelas, antigamente concebidas para ver de dentro para fora, dos diversos níveis, tem agora uma função oposta, ver de fora para dentro mantendo os vãos principais, e dar a máxima transparência ao edifício mantendo a sua imagem antiga e desenho marcante para a cidade.

A sala de espetáculos, situada no centro da nova intervenção é o cerne do projeto de arquitetura pela sua multiplicidade de configurações a nível de plateia, constituída integralmente por 21 plataformas quadrangulares primárias, numa quadrícula de 3x7 m, cada uma dessas pode ser suscetível de ser elevada hidraulicamente e trancada ao nível escolhido. Além disso, cada plataforma pode ser rodada de 180°, para a direita ou para a esquerda, orientando-se consoante a localização do palco.

Para completar, pode dizer-se que entre o número possível de configurações há seis mais cálculas, que correspondem a teatro/ópera, teatro isabelino/orquestra/coros, conferências, passagem de modelos e teatro de arena, também pode ser configurado em duas salas através de um fole telescópico, que se estende e recolhe mecanicamente, tal como uma preciana japonesa.

Em conclusão, a “casa” tem capacidade para 672 lugares sentados, contudo há que reservar espaço para palco e filas de acesso. Assim, poderá receber conferências com cerca de 600 participantes, ou cerca de 400 espetadores num espetáculo mais complexo.

Numa sala projetada de raiz para as artes performativas que nela vão ter lugar, a fim de dar uma resposta mais adequada, com qualquer configuração de sala e em qualquer lugar. A acústica teve o papel principal no dimensionamento da sala, sem esquecer a circunstância da “caixa mágica” estar no interior do edifício, envolvida pelo átrio e zona técnica, garantem à partida excelente isolamento do ruído exterior, reforçado pelos revestimentos. Desta forma, para uma resolução mais eficaz dos problemas de um equipamento destas características, só é possível com o recurso ao engenheiro, com a criação de soluções eficazes, surpreendentes e de qualidade.

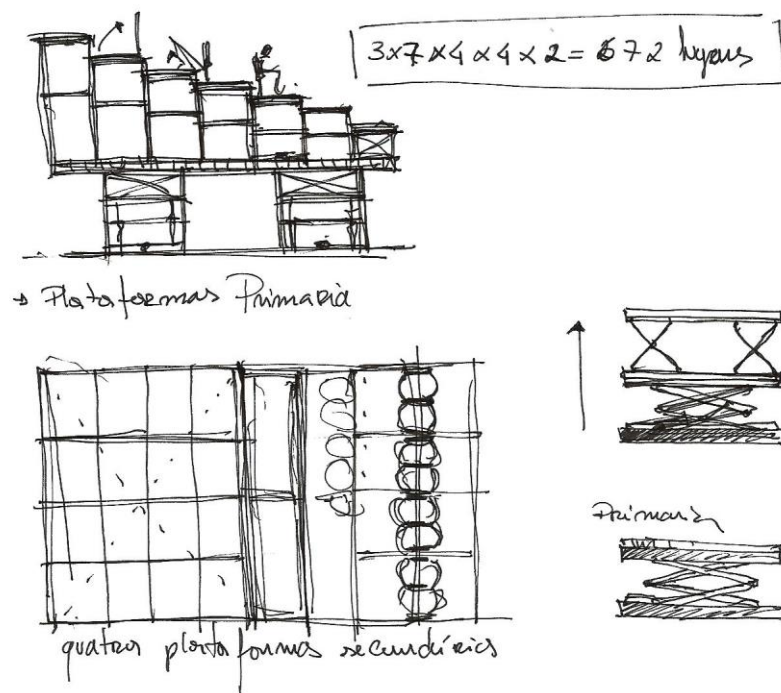
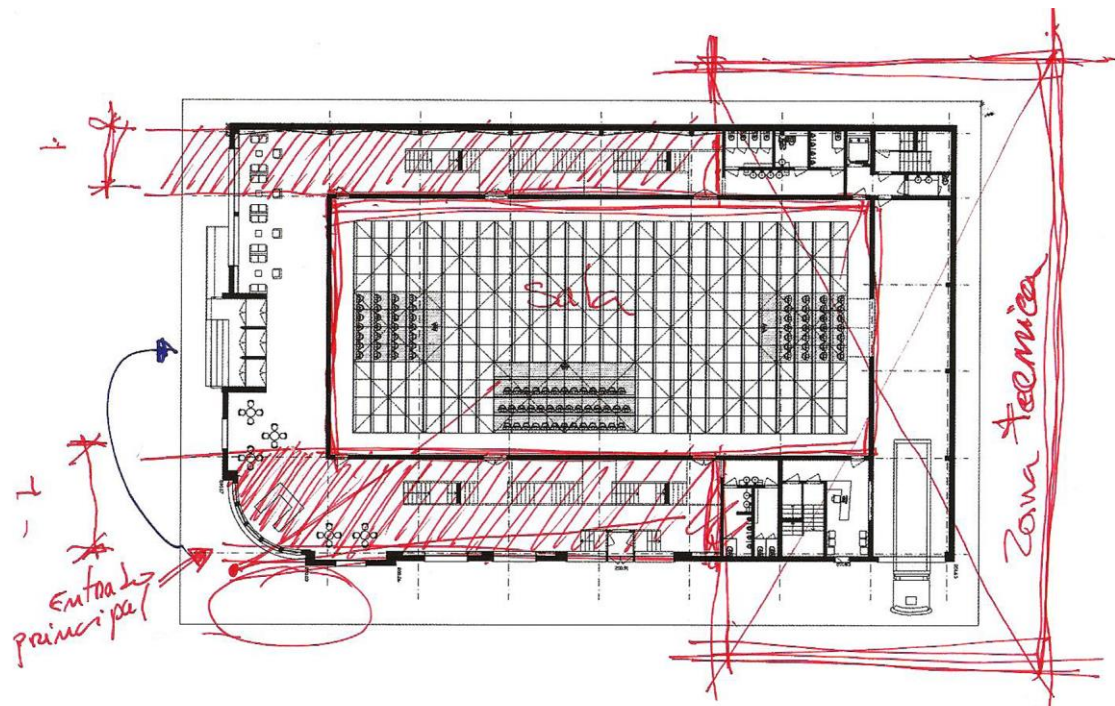


Fig. 3.4.2 - Esquisso de Estudo.



### 3.5 Teatro Virgínia, Torres Novas, 1956



Fig. 3.3.1 - Vista das fachadas frontal e posterior, vista do palco para o interior da sala e vista do *foyer* de acesso à plateia.

Localizado ao lado do mercado do peixe na rua Largo José Lopes dos Santos, o antigo Virgínia inaugurado outrora a 27 de Outubro de 1956, projeto do arquiteto Fernando Schiapa de Campos, foi núcleo dinamizador e de grande adesão, na época de grande sucesso chegando a realizar duas sessões por dia para assim saciar as necessidades do público. Com o fim da atividade cinematográfica e de outros espetáculos culturais, deixa de reunir as melhores condições de funcionamento dado ao seu mau estado de conservação e, conseqüente, parecer da inspeção-geral dos Espetáculos, entra numa fase de inação.

Integrado na estratégia urbana de requalificação do centro da Cidade de Torres Novas, o Teatro Virgínia, será o equipamento cultural estruturante na concretização do Plano Urbanístico denominado Almonda Parque. A 19 de Junho de 2001 é assinada a escritura pela qual é feita a aquisição do Virgínia pelo Município, que passara a dispor de um conjunto de meios técnicos e condições, que lhe permitam receber “através de uma programação regular e diversificada, centrada na qualidade e na contemporaneidade das propostas, dinamizar o seu espaço, de modo a que este se torne palco de conhecimento e de atualidade artística, impulsionado o encontro entre as artes do espetáculo e as comunidades.”<sup>16</sup>

A capacidade do Teatro foi reduzida para 600 lugares, anteriormente contava com uma lotação de 999, distribuídos pela plateia, plateia alta, camarotes e balcão, dispondo ainda de três lugares de fácil acesso para espetadores com mobilidade reduzida. Foi criado um novo espaço de Café Concerto, localizado no segundo piso, igualmente preparado para receber iniciativas e espetáculos de menor dimensão.

Após obras de reabilitação e recuperação da fachada e do seu interior, o projeto direccionou-se em primeiro lugar por devolver a dignidade física ao edifício e em segundo, infraestruturá-lo com todos os requisitos técnicos e espaciais necessários à sua adaptabilidade às novas

<sup>16</sup> <https://teatrovirginia.com/pt/apresentação/>

exigências, nomeadamente na caixa de palco, necessidade de atingir uma maior profundidade de cena, redefinição espacial da sala criando um prolongamento do primeiro balcão até à plateia de modo a garantir uma maior proximidade entre o espetador e o espaço cénico.

É um edifício que marca a sua presença, numa programação variada e regular nas áreas do Teatro, da Dança, da Música e do Cinema. “Tem-se afirmado como polo dinamizador da vida cultural da cidade e da zona do centro do país. A sua situação geométrica no centro do país coloca-o em local privilegiado para fomentar o contato destas populações com uma programação que se pretende de qualidade artística, numa série de atividades pensadas a partir da programação ao encontro do público geral, escolar e familiar.”<sup>17</sup>

“O Teatro Virgínia é um dos elementos que integra um vasto projeto de estratégia de desenvolvimento cultural concebido para a cidade de Torres Novas, que inclui a Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, o Centro de Ciência Viva, o Museu e o palácio dos Desportos.”<sup>18</sup>

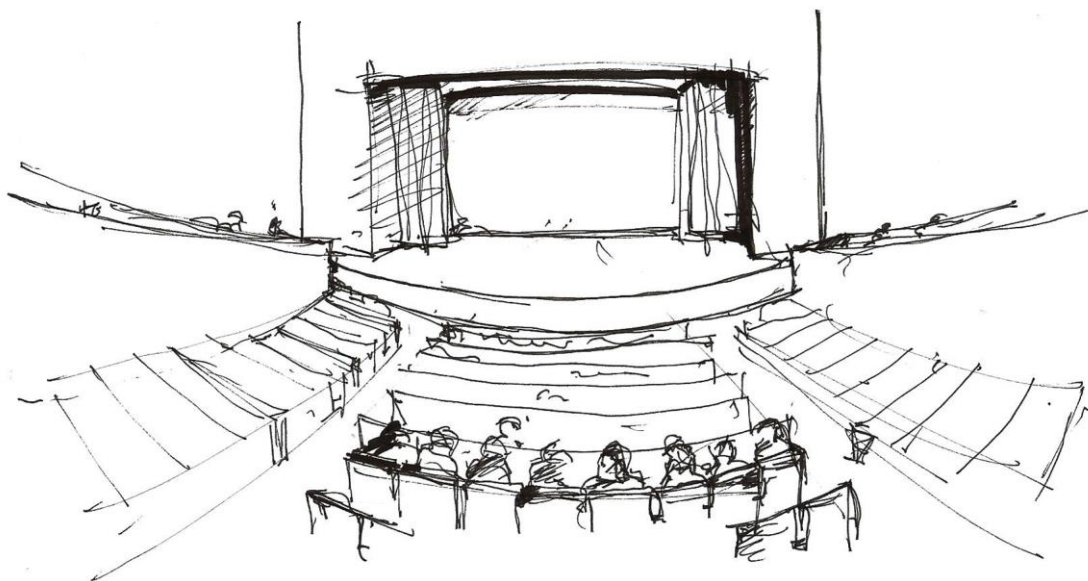


Fig. 3.5.2 - Esquisso de Estudo.

<sup>17</sup> <https://teatrovirginia.com/pt/apresentação/>

<sup>18</sup> <https://teatrovirginia.com/pt/apresentação/>





## **PARTE II - A PROPOSTA**

## CAPÍTULO 4- Chaves - Território, Cultura e Património

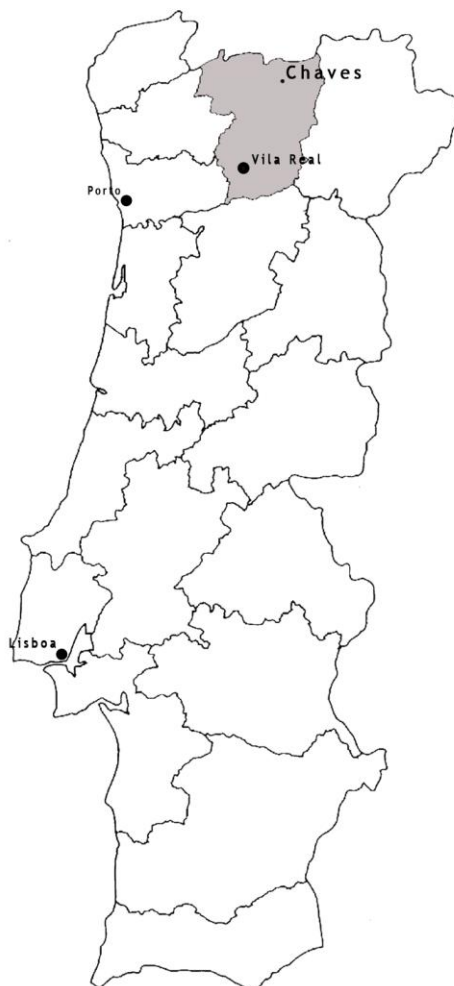


Fig. 4.1.1 - Localização geográfica do distrito de Vila Real e Chaves no contexto nacional.

“A história tem tido presença determinante na formação do arquiteto por razões incompatíveis; entre outras, o facto da História da Arquitetura contemplar objetos que, na sua maior parte, não só substituem na nossa contemporaneidade como fazem parte de realidades vivas, como sejam edifícios, pedaços de cidades, paisagens, etc., e, portanto, sujeitas à erosão temporal e a requerer respostas arquitetónicas atuais”<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> COELHO, Paulo - Gonçalo Byrne, Coleção Arquitetos Portugueses, nº 11. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos, 2011. p. 16

## 4.1 Enquadramento Geográfico

Torna-se fundamental esclarecer o enquadramento geográfico do sítio e apresentar uma breve descrição da sua localização e retirar o que cada época deixou na sua história, os seus testemunhos, o património construído, e as origens do povoamento.

“Gosto destas cidades pequenas, frutos urbanos em que a polpa deixa ver ainda o caroço à volta do qual se desenvolveu: a praça do município, enquadrada pelo castelo, a igreja matriz, a casa da Câmara e a Misericórdia, com o pelourinho no meio a garantir a justiça. Superam gregariamente - na sua disciplina alinhada e varrida - a anarquia e a promiscuidade do aglomerado aldeão, conferem liberdade e dignidade ao habitante, que, além disso, pode continuar nelas a respirar o oxigénio puro do campo, a ver a paisagem, e a saudar a alvorada com um assobio salutar, como o que me acorda todas as manhãs desde aqui venho.”<sup>20</sup>

São numerosos os vestígios presentes, legados por civilizações pré-históricas que levam mesmo a admitir a existência de povoamentos no longínquo período Paleolítico<sup>21</sup>. É considerado desse período, achados de civilizações pré-históricas, nomeadamente os múltiplos castros que envolvem toda a região do Alto Tâmega.

Contudo, foram as legiões romanas, que dominaram, alcandorados no cimo das montanhas e se instalaram de modo especial no vale do Tâmega. Sediaram-se onde hoje é a cidade de Chaves.

Edificaram, presumivelmente, a primeira muralha que envolveu o aglomerado populacional, construíram a imponente ponte romana, (também conhecida como ponte de Trajano), que foi mandada construir pelo imperador Trajano nos finais do século I e início do século II, tirando proveito das águas quentes mineromedicinais, implantando balneários termais, e explorando filões auríferos e outros recursos do solo e subsolo.

A florescência da dominação romana verificou-se até ao início do século III, apagando-se gradualmente com as invasões dos povos Bárbaros, Suevos, Visigodos, Alanos, Árabes e Mouros, que puseram termo à colonização romana. As guerras tiveram como consequência uma quase total destruição da Cidade.

Foi, provavelmente, por volta de 1160 que Chaves é integrada no país que já era então Portugal.

A 12 de Março de 1929 Chaves foi elevada à categoria de Cidade.

---

<sup>20</sup> TORGA, Miguel, Diário XI, Chaves, 24 de Setembro de 1971, p. 241.

<sup>21</sup> SITE OFICIAL MUNICÍPIO DE CHAVES. <https://www.chaves.pt>

Chaves é um dos seis concelhos da região do Alto Tâmega, situado no distrito de Vila Real. A sede do concelho é a cidade de Chaves, a qual dista cerca de 64 km da capital de distrito. Confinha a Norte com a Galiza, Espanha, a Este com os concelhos de Vinhais e Valpaços, a Sul com o conselho de Vila Pouca de Aguiar e a Oeste pelos concelhos de Montalegre e Boticas.

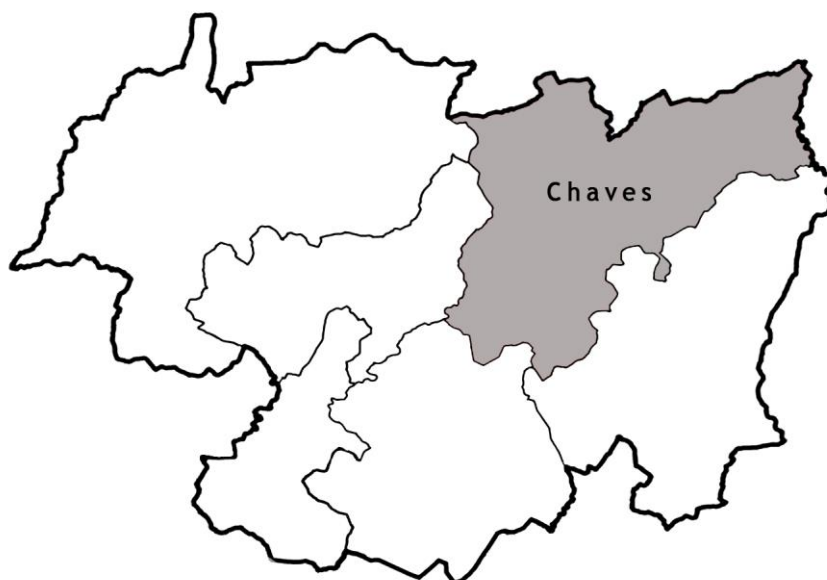


Fig. 4.1.2 - Enquadramento geográfico de Chaves na região do Alto Tâmega e Barroso.

O concelho abrange uma área de 591,32 km<sup>2</sup>. Até há pouco era composta por 52 freguesias e nela residiam cerca de 41.000 habitantes concentrados, fundamentalmente, na cidade e nas aldeias limítrofes, que foram atingidas por processos de periurbanização. Atualmente, o concelho de Chaves passou a um total de 39, em setembro de 2012, como resultado da nova legislação que levou à agregação de 13 freguesias. O concelho tem atualmente uma população de 41. 444 Habitantes<sup>22</sup>.

Quanto ao clima, entre Dezembro e Janeiro a temperatura pode variar entre os 6 e 8 graus centígrados, de Março a Junho à uma variação entre os 20 e os 30 graus. A temperatura raramente desce aos zero graus, esta região não se encontra muito exposta a grandes e frequentes ventanias, registando-se algumas no início da Primavera e Outono.

A altura pluviométrica atinge os 890 mm, e são bastante frequentes as geadas de Dezembro e Janeiro.

---

<sup>22</sup> <https://censos.ine.pt>

A cidade tem crescido quer em extensão, quer populacionalmente, fruto das suas potencialidades, com destaque para o balneário termal das Caldas. Chaves assume uma posição estratégica no contexto do Noroeste Peninsular.

## 4.2 Enquadramento Cultural

“É toda uma veiga extensa e chã, de norte a sul ladeada por montanhas que a guardam e acompanham. Por ela se estende o leito do Rio Tâmega, nascido mais além, em terras da Galiza, testemunho e companheiro secular de toda a história.

Foi essa gente que no decorrer da história amalgamou com os bárbaros a primeira origem de um novo estado, sofreu a inclemência das invasões muçulmanas, reconquistou pouco e pouco, os velhos lugares e tradições e fez destes cantos uma parcela da pátria portuguesa. E aí, sempre e em cada página da história, os flavienses souberam defender ou conquistar, ardorosamente, atrás das muralhas do seu castelo ou de outras defesas que tempos novos e estratégicos diferentes viram a construir, vencedores ou vencidos, as suas razões e a sua independência, num historial que orgulhosamente podem ostentar”<sup>23</sup>.

Chaves é rica em património cultural. Como cidade histórica que é, irradia um fluxo cultural vastíssimo, com paisagens naturais diversificada, vias romanas, marcos milenares, castros, estações de arte rupestre e diversos monumentos cujos estilos arquitetónicos testemunham a diversidade de culturas que por aqui marcam presença.

Para preservar essa riqueza, a Câmara Municipal tem proporcionado à população e a todos os seus visitantes um diversificado leque de atividades culturais, de modo a proporcionar às pessoas momentos de lazer e de cultura.

No Inverno privilegia-se o teatro, os concertos, os colóquios, as palestras e as conferências. Para isso tem sido utilizados alguns dos espaços culturais destinados para o efeito, de modo a rentabilizar o investimento feito nesses equipamentos. Na primavera e Verão, as atividades centram-se nos passeios pelas deslumbrantes paisagens naturais, percorrendo alguns dos circuitos rurais.

Chaves, cidade de encantos, é conhecida pelos seus jardins, quando o verão se aproxima, Chaves respira uma atmosfera única. As tardes tórridas dão lugar às noites frescas, vividas mais intensamente ao longo das margens do Rio Tâmega. O Tabulado e as Termas de Chaves são sítios obrigatórios de passagem, aqui numa esplanada, desfruta-se de uma contínua atividade cultural.

---

<sup>23</sup> MACHADO, Júlio Montalvão - Roteiros de Chaves. Grupo Cultural Aquae Flaviae, 1998. p. 9

Percorrendo as dezenas de ruas e vielas do Centro Histórico, há tempo para uma sessão de fado, uma peça de teatro, a apresentação de um livro, um concerto, ou até mesmo pra uma visita a uma exposição de artes plásticas.

A Ponte Romana é o primeiro monumento de Chaves. Levantada em tempos do Imperador Trajano para cruzar o leito do rio Tâmega, entre o corpo da cidade e bairro da Madalena, tinha inicialmente dezasseis arcos e toda ela construída de maneira sólida e perfeita, atravessou incólume os séculos e ainda hoje satisfaz o tráfego intenso que a vida moderna lhe exige. (figura. 4.2.1)



Fig. 4.2.1 - Ponte Romana “também conhecida como Ponte de Trajano”.

O imóvel onde está instalado o museu da Região Flaviense insere-se num complexo monumental dos mais emblemáticos que compõem o centro histórico da cidade de Chaves.

Denominado Paços do Duque de Bragança, honrando a memória de D. Afonso, filho ilegítimo de D. João I, o objetivo da sua construção parece ter sido o de aí instalar o quartel da Guarda Principal e a Prisão Militar. É nestas funções militares que o edifício, resultado da conjugação de diferentes edificações de diferentes datas, com acrescentos e transformações, suplantado possivelmente os restos do antigo paço ducal, vai atingir o porte monumental, com um largo portão encimado por trabalhosas e artísticas armas reais em pedra.

A região de Chaves é o resultado da continuidade de um percurso milenar de ocupação humana. Como palco da história, inúmeros vestígios foram legados. Num manancial de

vestígios históricos, o Museu assume o seu natural papel de foco irradiador de várias atividades relativas à conservação e exposição do património da região, afirma e certifica a identidade cultural local e recria os valores da memória coletiva da comunidade flaviense.

Há uma época a partir da qual temos a certeza do aproveitamento das águas quentes das Caldas de Chaves, e até da fundação de uma cidade tendo como principal objetivo a utilização destas águas. Foi a época dos Romanos na Península Ibérica.

Aqui se fixaram dando origem a uma cidade a que o imperador Titus Flavius Vespasianus deu o seu nome “ Aquae - Flaviae ” e as prerrogativas de Município.

As termas flavienses são um prodígio da Natureza. As suas águas brotam incessantemente, há dois mil anos, sempre quentes, sempre fonte inesgotável de saúde. As Caldas de Chaves são as mais quentes da Península Ibérica (73°) e as bicarbonatadas sódicas mais quentes da Europa. No Continente Português são as únicas águas bicarbonatadas sódicas hipertermias. Trata-se de uma riqueza incalculável que coloca Chaves num lugar cimeiro nos circuitos internacionais do turismo da saúde.

O balneário é constituído por cinco pavilhões interligados, com uma área total de três mil e sessenta metros quadrados.

### 4.3 Caracterização da Zona Envolvente

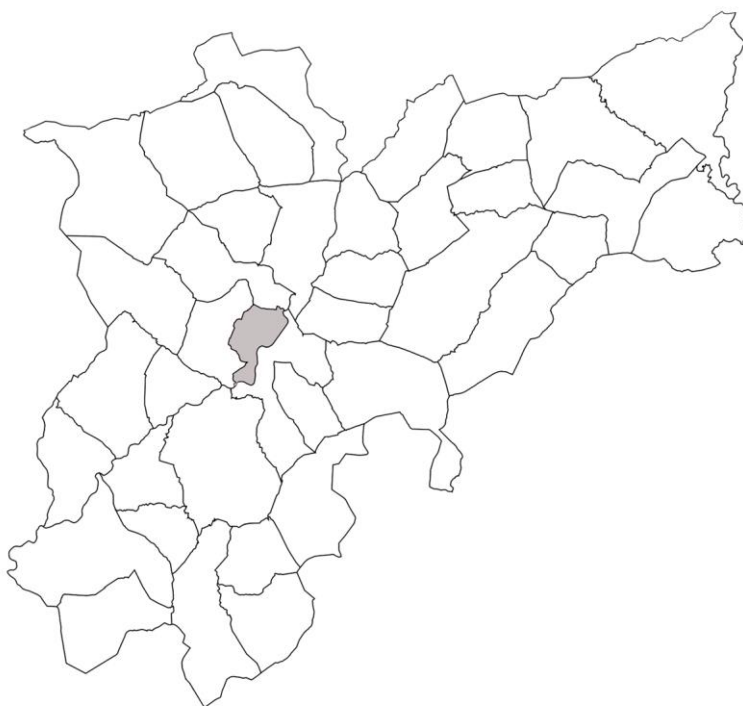


Fig. 4.3.1 - Enquadramento geográfico da Freguesia de Santa Maria Maior no Concelho de Chaves.

Santa Maria Maior é uma freguesia que se estende ao longo de 5, 63 km<sup>2</sup> de área e com aproximadamente 12 000 habitantes.

Principal centro urbano, onde ocorrem e se localizam as atividades mais dinâmicas da cidade, com importantes infraestruturas de utilidade pública, cultural e a zona habitacional mais densa. Algumas destas como Biblioteca Municipal “antigo quartel dos Bombeiros Voluntários”, instalações Bancárias, Correios e um vasto comércio tradicional.

Freguesia central da cidade vem demonstrado assim um abandono por parte da população do centro histórico para as periferias. Para combater a fuga das gentes, foram executados no tecido urbano várias intervenções ao abrigo do denominado Programa Polis 2002, com o objetivo principal a requalificação e revitalização do Centro Histórico, através da implantação de equipamentos de cultura, recreio e lazer, assim como a criação de zonas verdes.



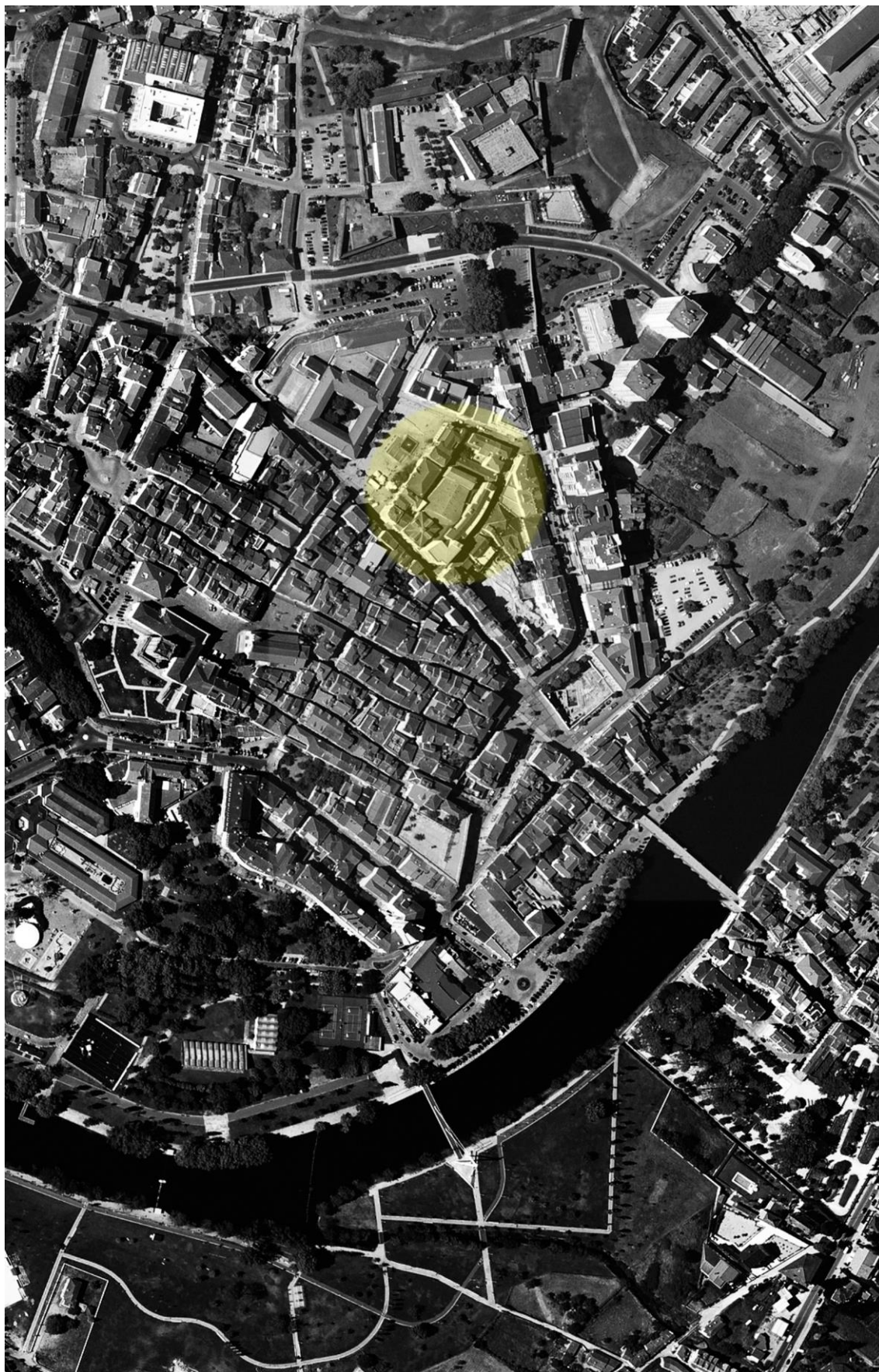


Fig. 4.3.2 - Localização e orografia do quarteirão de implantação do Cine Teatro.



## 4.4 Evolução Cronológica e Metamorfoses do Cine Teatro

No que se refere às primeiras descrições conhecidas e descobertas da casa de espetáculos, e a sua posterior construção tem inícios no século XX, mais concretamente a 4-5-1928, e é assim designada por Cine - Parque. “Raul Alves Leite, solteiro e proprietário, desta vila, requer o pedido para que lhe seja certificado, para a construção que se está fazer de uma casa destinada a espetáculos, na Rua de Santo António, no quintal do chamado palacete do Botelho, foram cumpridas todas as formalidades, que a lei exige. A Comissão informa não ter conhecimento das obras que o requerente alega”<sup>24</sup>.

No jardim do Palacete Botelho da Rua de Santo António foi construído o Cine-Parque que é inaugurado a 10 de Outubro de 1929 (fig. 4.1.1), um Semanário local refere que esta casa de espetáculos sobrelevava todas as outras que até à data se tinham construído nesta terra.

**Quinta-feira, 10 de Outubro de 1929**

**às 8 horas da noite**

**Abertura do mais luxuoso e confortavel salão cinematográfico da Provincia, com a brilhante colaboração do Orfeon PINTO RIBEIRO.**

**PROGRAMA**

**1.ª PARTE**

Apresentação do “Orfeon” pelo Ex.<sup>ma</sup> Snr. Dr. Nicolau Mesquita Junior. O Orfeon sob a regencia do Ex.<sup>ma</sup> Snr. João Faria Alves Barroso, far-se-ha ouvir nas seguintes peças:

- 1.ª — Rapsodia Transmontana — P. Ribeiro
- 2.ª — O Passarinho — “ ”
- 3.ª — Morena — (Canção d’Outeiro Seco — P. Ribeiro)
- 4.ª — Barqueiros do Volga — Opera Siberia

**Intervalo de 15 minutos**

**2.ª PARTE**

No ecran será exhibida a super-produção em 9 partes, da

**Metro-Goldwyn-Mayer-Films L.<sup>da</sup>**

interpretada por LILLIAN GISH e NORMA KERRY

**Annie Laurie**

Durante a sessão, uma excelente orchestra regida pelo ilustre e distincto maestro Ex.<sup>ma</sup> Snr. Pinto Ribeiro, vindo a esta cidade expressamente para esse fim, executará um escolhido programma.

**Este programma pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto**

**PREÇOS:**

Camarotes — (5 lugares)	15\$00
” — (4 ” )	12\$00
Balcões .	3\$50
Fauteuils d’orquestra	3\$50
Fauteuils	3\$00
Cadeiras	2\$00
Geral	1\$00

A Empresa resolveu conceder aos socios e familias da Sociedade Recreativa e da Associação Commercial, um desconto no preço dos bilhetes em todas as sessões cinematograficas, desde que os mesmos sejam requisitados duas horas antes de principiar a sessão.

Os bilhetes estão á venda no estabelecimento de José Alves Ferreira (em frente ao Cine - Parque) e na bilheteira depois da 1 hora da tarde de quinta-feira.

A Empresa tomou o exclusivo da produção da Metro-Goldwyn-Mayer Films L.<sup>a</sup> e firmou contractos com a Paramount Films e UFA, as mais reputadas casas especializadas na cinematografia pelo que está assegurado o desfile pelo ecran do CINE-PARQUE de todas as celebidades da arte-muda como:

Lon Chaney, Renée Adorée, Greta Garbo, John Gilbert, Ramon Novarro, Jackie Coogan (o Miudinho), Rudolph Valentino, Bébé Daniels, Clara Bow, Harold Lloyd, Antonio Moreno, etc.

Fig. 4.4.1 - Folheto de Inauguração do Cine-Parque, Outubro de 1929.

Em 1945, a Associação Commercial vendeu todo o Palacete incluindo o Cine-Parque a Cândido Augusto Lobo. Este era o Cine - Parque de Chaves, com uma entrada vistosa diferente daquela que exhibi atualmente. Ao seu lado a o Café Commercial, que servia de apoio nos intervalos das

<sup>24</sup> AIRES, Firmino - Incursões Autárquicas Resumo das Atas da Câmara de Chaves de 1860 a 1960. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2000. p. 254.

sessões de espetáculos, “Onde se podia vir tomar um café mediante senhas de saída”. Esta sala era possuidora de Plateia Geral, separada por divisórias, assim como Tribuna ou Balcão como também era conhecida.

Mais tarde o nome de Cine - Parque, viria ser substituído e passaria a chamar-se de Cine Teatro perdurando até aos dias de hoje.



Fig. 4.4.2 - Vistosa entrada para o antigo Cine-Parque, e atual entrada do Cine Teatro de Chaves, pela Rua de Santo António.

Sem obras novas, ou qualquer tipo de modernização, foi trabalhando até 1951, data em que a Câmara Municipal oficiou à Inspeção Geral dos Espetáculos<sup>25</sup>, onde foram referidas as péssimas condições de funcionamento em que a casa de espetáculos estava a funcionar. O proprietário não procedeu à sua reestruturação, optando pela venda de todo o edifício à firma “Madureira e Xavier, Lda.” que em 1961, apresenta à Câmara um projeto para construção de uma nova e moderna casa de espetáculos. Nadir Afonso<sup>26</sup> foi o arquiteto convidado pela firma “Madureira e Xavier, Lda.” para desenhar o novo Cine Teatro de Chaves, edifício que desejavam construir e que se destinava a substituir o antigo Cine-Parque, então a única grande sala de espetáculos da cidade.

<sup>25</sup> A Inspeção-Geral dos Teatros Nacionais.

Em novembro de 1836, por proposta de Almeida Garrett, D. Maria II mandou publicar o diploma que criou a Inspeção - Geral dos teatros Nacionais, da qual Almeida Garrett seria o primeiro Inspetor-Geral. Em abril de 1839, Almeida Garrett propõe às Cortes um projeto de lei para regulamentar a proteção às obras literárias e artísticas, que não foi aprovado por oposição do Senado e da Rainha. A primeira Lei que regulamentou a propriedade intelectual foi em 1851.

A responsabilidade da prossecução dessas atribuições cabe atualmente à IGAC.


1929, Foi criada a Inspeção-Geral dos Espetáculos.

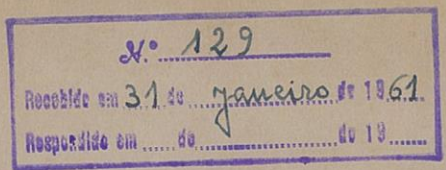
Em 2012, o Decreto Regulamentar n.º 43/2012, de 25 de maio, aprova a nova orgânica da Inspeção-Geral das Atividades Culturais. <https://igac.pt>

<sup>26</sup> Nadir Afonso Rodrigues nasceu em Chaves a 4 de Dezembro de 1920, pintor e pensador Português. Diplomado em arquitetura, dessa passagem sobressai um riquíssimo tracejado enquanto colaborador de dois dos mais influentes mestres do Movimento Moderno, em Paris, do arquiteto Le Corbusier e, no Rio de Janeiro, do arquiteto Oscar Niemeyer. Nadir Afonso faleceu a 11 de Dezembro de 2013.



*Aprovado o projecto.*  
*Em 2-2-1961*  
*fully*






Exmº Senhor  
Presidente da Camara Municipal de  
Chaves

A firma MADUREIRA & XAVIER, LIMITADA, com sede na  
rua de Santo António, desta cidade de Chaves, desejando  
construir um edifício que se destina a casa de espectá-  
culos que substituirá a actual, vem apresentar o respecti-  
vo projecto afim de ser aprovado.

Pede deferimento

Chaves, 27 de janeiro de 1961

*Madureira & Xavier, Limitada*  
A Gerência



*Não há inconveniente em se  
deferir o presente requerimento*  
*Aménio Rodrigues*

Fig. 4.4.3 - Requerimento apresentado pela firma Madureira e Xavier à C.M.C, para a construção do Cine Teatro.

Uma vez que o novo Cine Teatro iria ocupar exatamente a mesma implantação que o Cine-Parque já existente, num espaço central da cidade, Nadir Afonso teve “em consideração a necessidade de começar e desenvolver a nova construção, sem que isso implique uma imediata demolição da atual casa de espetáculos. Assim, foi prevista a estrutura exterior da sala de forma a circunscrever o atual edifício e de modo que a sua construção, tal como a do corpo do palco e camarins possa ser efetuada sem afetar o normal funcionamento da atual casa de espetáculos, única na cidade.”<sup>27</sup>

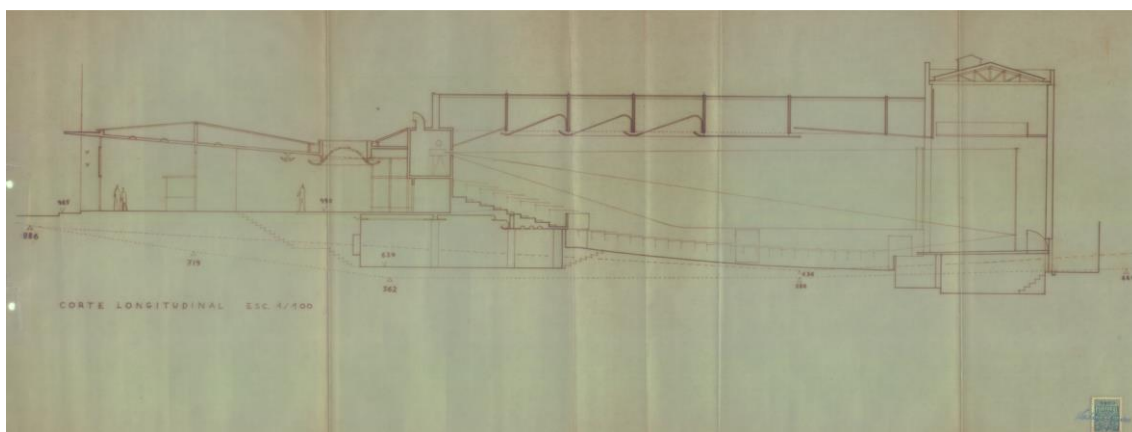


Fig. 4.4.4 - Corte longitudinal pela sala de espetáculos e entrada pela Rua de Santo António, projeto de Nadir Afonso.

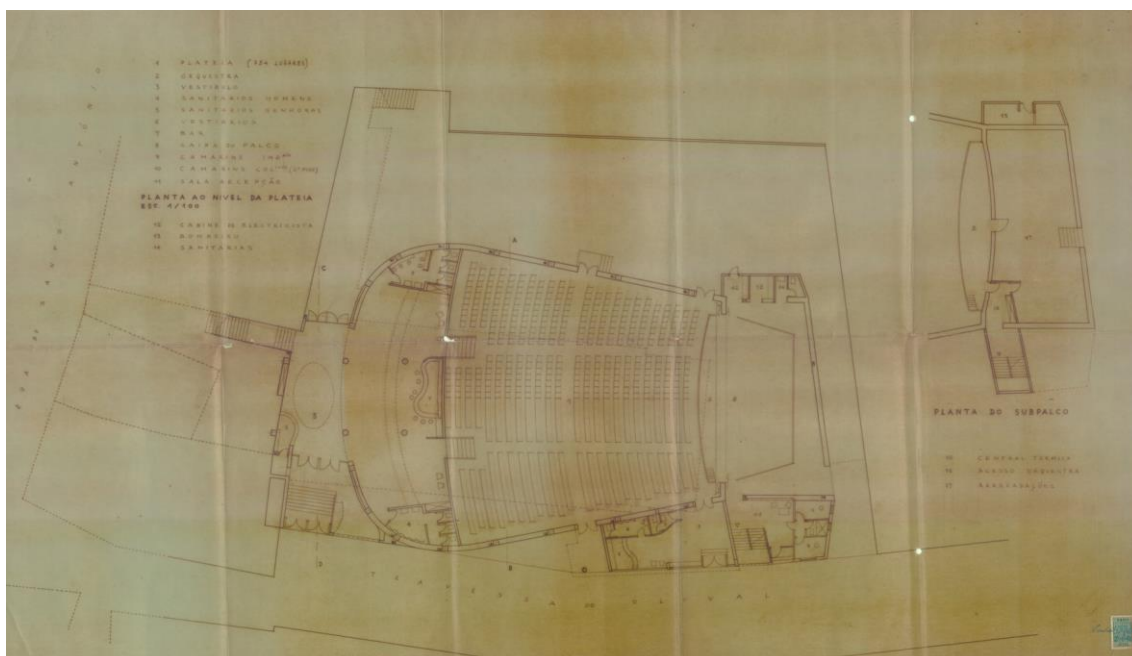


Fig. 4.4.5 - Planta ao nível da plateia, projeto de Nadir Afonso.

<sup>27</sup> AFONSO, Nadir - Arquivo Municipal de Chaves, Projeto do Cine Teatro de Chaves. Chaves: Memória Descritiva, 1961, p. 1.

Assim, o projeto final resultou num volume de linguagem diversa em que sobressai, sobretudo, a sinuosidade e modernidade do alto corpo fechado que encerra a grande sala de espetáculos; formando, em planta, uma espécie de ferradura. Esta grande sala possuía uma capacidade para 951 lugares sentados.

Em fevereiro de 1961, e depois de finalizado o projeto e apresentado para licenciamento na Câmara Municipal - sendo, aprovado - a mesma firma proprietária que havia convidado Nadir Afonso decidiu que, para além do Cine Teatro, queria também construir naquele local um hotel (o Hotel Trajano). Assim, propuseram-lhe uma enorme modificação, sugerindo-lhe que encostasse o grande corpo da sala ao logradouro traseiro (eliminando o espaço de pátio ajardinado) e construísse, ao longo da Travessa do Olival, um comprido edifício que albergasse o mencionado hotel. Agastado pelo tempo, empenho e esforço que havia investido, em vão e discordando totalmente da alteração proposta, decidiu-se, drasticamente, pelo seu abandono, deixando de ter qualquer tipo de responsabilidade naquele processo.

Em 1962, é pedido pela mesma entidade a Bruno Alves Reis, arquiteto do Porto, que desenhasse o projeto. Curiosamente na nova solução, verifica-se que ele seguiu as principais orientações do desenho de Nadir Afonso.

De um modo geral Bruno Alves Reis procedeu exatamente às alterações sugeridas pelos proprietários (prevendo o hotel sobre a rua e “empurrando” a sala para o interior do logradouro) e realizou, apenas, ligeiras transformações na compartimentação interior.

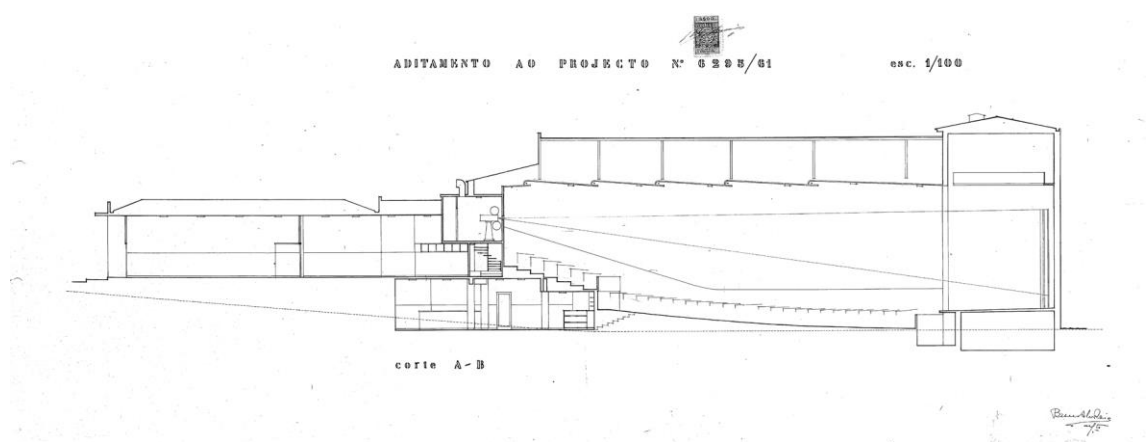


Fig. 4.4.6 - Corte longitudinal pela sala de espetáculos e entrada pela Rua de Santo António, projeto de Bruno Alves Reis.

Como tal, o novo Cine Teatro foi construído e inaugurado em 1963, funcionando até ao final do século XX. Durante quase vinte anos o Cine Teatro recebeu cinema, peças de teatro de companhias locais e nacionais, concertos, grandes reuniões, comícios e até mesmo assembleias Municipais no pós 25 de Abril. Porém, no início dos anos 80, período de decadência global das salas de cinema de província e de bairro acabariam por ditar o seu

encerramento, no ano 2000, data em que a Câmara Municipal adquiriu o imóvel, entidade que ainda detém a sua posse.

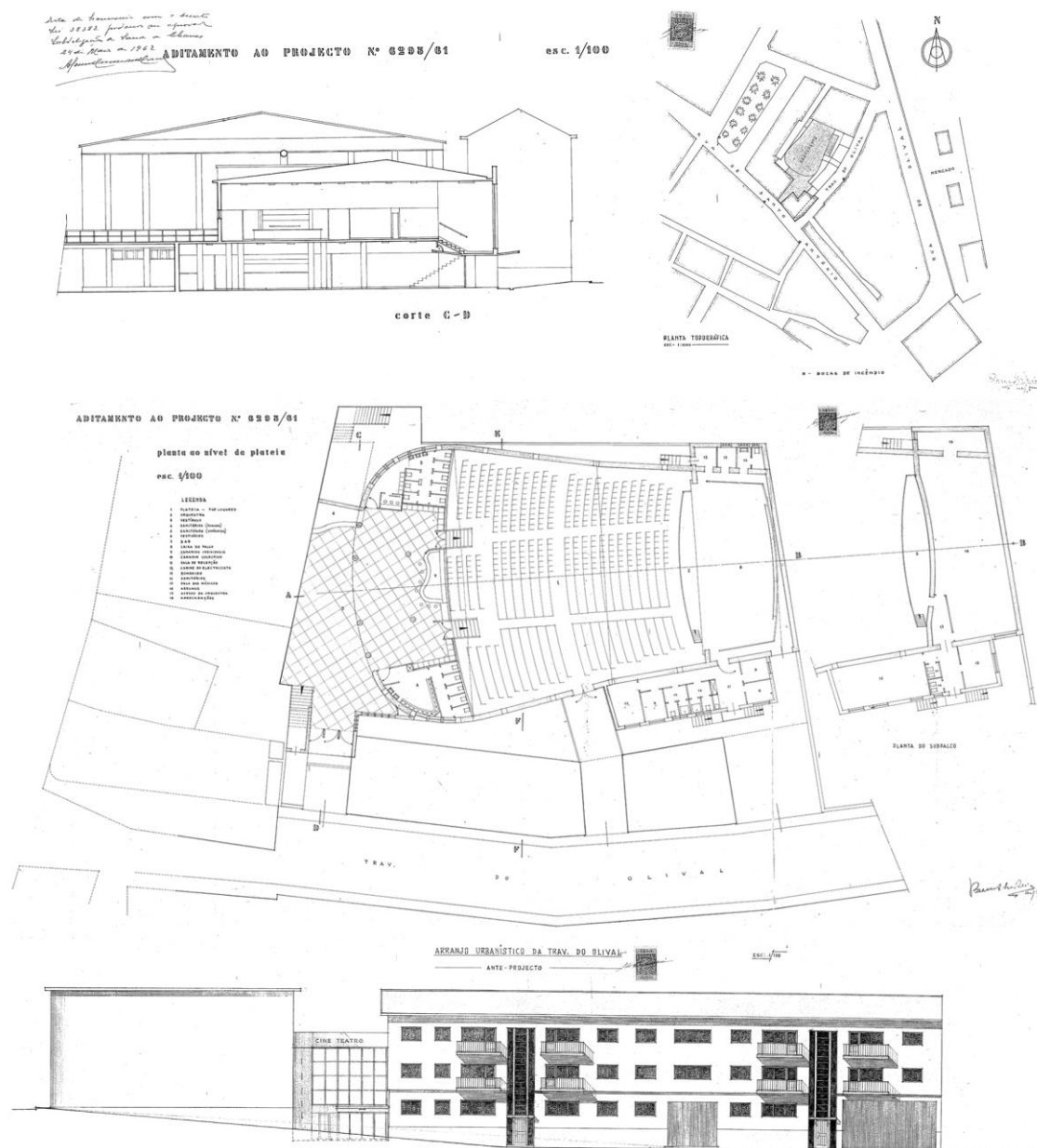


Fig. 4.4.7 - Planta ao nível da plateia e alçado, projeto de Bruno Alves Reis.

## 4.5 Estado Atual de Conservação

O edifício do antigo Cine Teatro de Chaves, situado no Centro Histórico projetado nos anos 60/70, apresenta-se devoluto e sem “vida”. Implantado no interior de um quarteirão, o edifício, só pontualmente, é visível na frente urbana da cidade.

Tímidas e completamente descontextualizadas, as fachadas do edifício, a Nascente, pela Rua de Santo António, (ver fig.4.5.1), e a Sul, pela Travessa Cândido dos Reis, foram sendo aglutinadas pelos edifícios construídos posteriormente, nomeadamente o Hotel “Trajano”, na Travessa Cândido dos Reis.

Em suma, o Cine Teatro tendo uma escala marcante no tecido urbano e na memória da sociedade, não tem grande presença na cidade, surge timidamente nas suas ruas.

O seu encerramento traduziu-se numa significativa perda para a cidade, sobretudo para a vida do seu centro histórico, que tanto simbolismo, história e significado sentimental tem para a população; o mesmo continua desocupado e sem futuro à vista, num estado deplorável de abandono e de degradação.





Fig. 4.5.1 - Atual entrada Nascente do Cine Teatro pela rua de Santo António.





Fig. 4.5.2 - Travessa Cândido dos Reis, “ vista Hotel Trajano”.

## 4.6 Cinema e Interioridade - A problemática

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que tipo de interioridade está a ser discutida. A interioridade que nos propomos falar, prende-se exclusivamente com a geográfica, condição física do nosso país. Chaves, onde residimos e praticamos grande parte das atividades profissionais e culturais, fica no interior de Portugal.

Em segundo lugar, também é necessário discutir o que entendemos por cinema. Fala-se aqui em cinema como prática em que o espetador se coloca passivamente numa sala escura e disfruta do visionamento de um filme em tela projetado: o que se chama frequentemente de dispositivo cinema. Isto porque o cinema hoje em dia, numa época pós-moderna, pode ser encontrado em diversas formas e feitios. Para o estudo, tal definição e conceito é deixado de lado.

O cinema, tal como o conhecemos, é o mesmo, seja no interior ou no litoral do país. As imagens que passam na tela são as mesmas, tal como o som que se ouve é o mesmo e até a película (se esse for o caso) é a mesma. Deste modo, que diferença existe? Serão as pessoas? Será o público diferente?

De certa maneira, sim. Este público não está, hoje, habituado à prática cultural. Existem poucas iniciativas e a oferta cultural é muito reduzida comparada com outras cidades do país (acreditamos que esta dificuldade também seja a mesma em cidades menos populosas do litoral, não sendo portanto um problema exclusivamente do interior). Sendo assim, cremos que a educação do público e a sua motivação sejam uma prioridade. A arquitetura e a reabilitação de espaços culturais é, desta forma, uma necessidade. Tornar um sítio funcional e apelativo fará com que a cultura ganhe mais público.

Por outro lado, a internet e a facilidade que esta proporciona ver, alugar e comprar filmes, por exemplo, faz com o que a comodidade de um lar, de uma residência, seja a concorrência mais direta aos espaços culturais. Hoje, já nem precisamos de um suporte físico, como o DVD, para vermos um filme. E estamos a falar ainda de práticas legais. Os downloads ilegais, também são uma questão a ter em linha de conta. Pois sensibilizar alguém a pagar por algo que consegue facilmente de graça, é complicado. Creamos que a arquitetura terá um lugar importante neste sentido, apelando a ida ao cinema pelo conforto ou singularidade de um espaço.

## CAPÍTULO 5- Memória Descritiva De Reabilitação e Requalificação - Cine Teatro de Chaves

### 5.1 Memória Descritiva

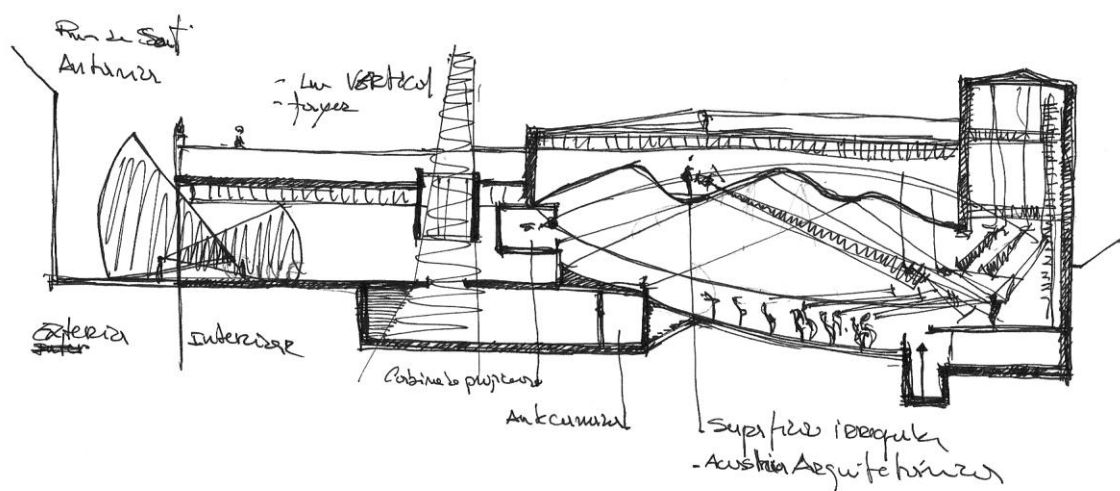


Fig. 5.1.1 - Esquema geral da proposta em corte.

A proposta aqui apresentada resulta, conceptual e fundamentalmente, do estudo teórico prévio realizado nesta dissertação, que incidiu em vários temas que foram relevantes e importantes para o melhor desenvolvimento do projeto prático, como o Teatro e Cinema no Estado Novo, a evolução de Teatros a Cine Teatros. Mas é também o resultado das análises ao concelho de Chaves, à zona envolvente e evolução cronológica, ao seu estado atual de conservação, e aos casos de estudo feita posteriormente.

O trabalho aqui exposto marca apenas a estrutura de reabilitação e requalificação do antigo Cine Teatro de Chaves, com bases no Decreto Regulamentar n.º 34/95 e Decreto-Lei n.º 123/97 como os novos objetivos da sua utilização com amplas valências.

A extrema importância deste edifício é motivo de celebração de conceber um espaço para a comunidade, e de divulgação das artes cénicas e beneficiar da sua situação privilegiada no centro da cidade.

Caso de extrema importância para se poder agir sobre ele, para lhe dar uma nova vida, aqui a proposta é apenas celebrar o Cine Teatro, conceber um espaço, para o proteger, preservando

a sua importância e beleza natural inicial, conservando-o no seu sentido mais puro, no seu sentido de espaço cultural e de lazer, mantendo a sua nostalgia e presença profunda.

Como refere a presente proposta do *Masterplan* do centro histórico de Chaves “ procura construir um documento que permita enquadrar, orientar, estimular e despoletar a reabilitação urbana na zona histórica da cidade”<sup>28</sup>, no âmbito do programa estratégico “ Chaves Monumental - Valorização a Promoção dos Valores Culturais e Patrimoniais, que tem como objetivos, orientar e acompanhar as operações de reabilitação no centro histórico; reforçar a atratividade e a competitividade do centro histórico; estimular a reabilitação socioeconómica de centro histórico.”<sup>29</sup>

O objetivo proposto neste projeto é optar pelo conservadorismo e considerar o existente, com as restaurações devidas, e assim apenas agir de maneira a que a linguagem, em que sobressai a sinuosidade e modernidade, mantendo um diálogo entre as duas composições.

É importante referir que a liberdade na elaboração da proposta foi total, a nível do seu programa, respeitando os desenhos e traçados do edificado existente.

## 5.2 Conceito

Como em qualquer arte, o processo criativo começa com uma folha em branco, desta feita, através de esboços e maquetas de estudo analisam-se e esquematizam-se várias características do projeto, através da localização, fluxos, entradas, e disposição do programa, tendo por base as ideias acima referidas.

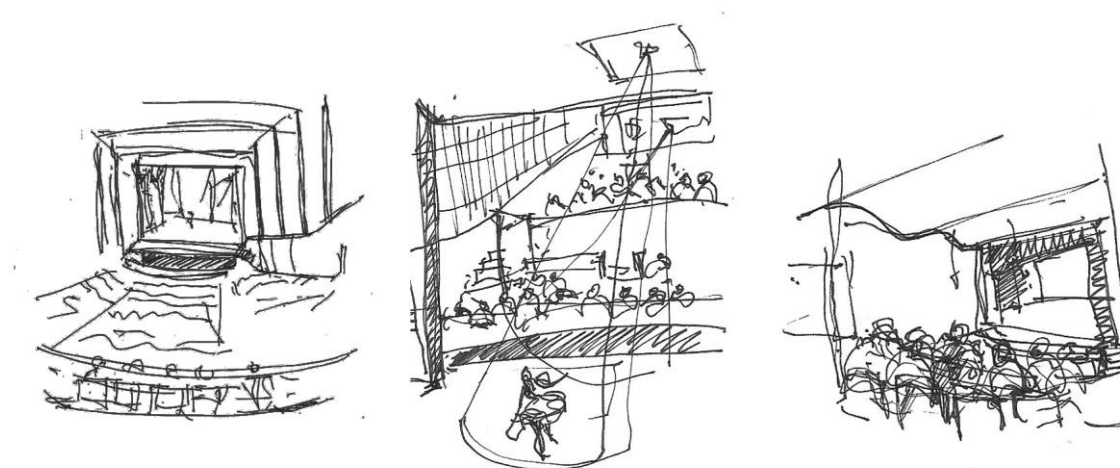


Fig. 5.2.1 - Esquisto formal da proposta.

<sup>28</sup> *Masterplan* do centro histórico de Chaves, Proposta de Delimitação da “ARU” Área de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Chaves. Chaves 2013. p. 9

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 10



A nova solução arquitetônica direcionou-se numa estratégia orientada segundo três fases determinantes para a sua concepção. Em primeiro lugar compreender esta atividade, fazendo uma triagem dos aspetos e elementos de inegável valor arquitetónico; em segundo, uma remodelação profunda de forma a cumprir os requisitos de qualidade construtiva e funcional para assim devolver a dignidade física ao edifício; por último, infraestruturá-lo com todos os requisitos técnicos e espaciais necessários à sua adaptabilidade e às novas exigências, características de um equipamento cultural desta natureza nos dias atuais.

Por sua vez, um edifício que permita acolher as diferentes artes do espetáculo com uma flexibilidade e polivalência para assim apresentar uma programação regular e transversal aos diversos públicos, rentabilizando a sua reabilitação, reforçando a atratividade e competitividade do centro histórico.

Quando iniciadas as abordagens ao local, à envolvente, e edifício, perante o seu estado de quase total abandono e degradação, analisados os espaços interiores e exteriores, agora um espaço sem “vida” no meio urbano e na sociedade, foi constatado que a zona de implantação do Cine Teatro está localizada nas traseiras de um quarteirão, aglutinado pelas construções posteriores à sua construção “empurrando-o” para o seu interior, não tendo presença na cidade, as suas fachadas surgem timidamente e descontextualizadas.

Parte deste processo passa por dar outra vez vida e uma nova afirmação, para que esses dois pequenos pontos de entrada e ligação, sejam visíveis para quem passa, assumindo uma presença forte na frente urbana e no centro histórico.

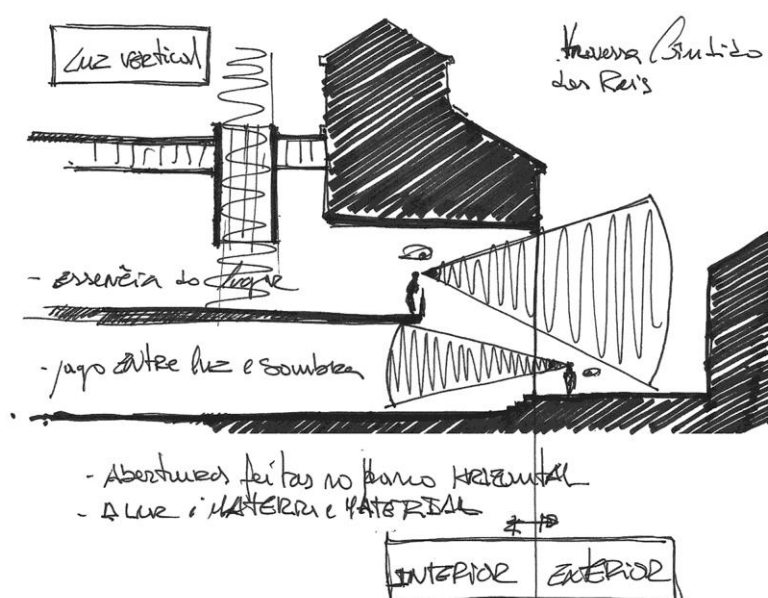


Fig. 5.2.2 - Esquisso formal da proposta.

Mantendo essas estruturas e linhas, a luz assume o papel principal desta abordagem conceptual. Iluminada pela luz natural a escada ganha força no espaço arquitetónico, arrega a característica principal na forma como é criado o limite, ou seja, onde o interno e o externo se encontram. No limite entre o exterior e o interior, a luz pode ser usada para enfatizar conexão ou separação entre os dois. Define o espaço pois não há limite visual.

É importante refletir sobre a luz, sendo este tema central na arquitetura. “A luz é uma componente essencial, imprescindível na construção da Arquitetura. A luz é matéria e material.”<sup>30</sup> Torna-se ainda mais importante quando se desenha e concebe um traçado, em que o objetivo é introduzir luz nos espaços “capaz de tencionar o espaço para o homem. De colocar o homem em relação com esse mesmo espaço, criado para ele.”<sup>31</sup> Mas, ao mesmo tempo, pensar a luz de forma controlada, precisa e clara.

Torna-se identicamente essencial, controlar a luz e as sensações que queremos transmitir, “Para a luz estar presente, para a tornar sólida, é preciso a sombra. A combinação adequada de luz e sombra costuma despertar na arquitetura a capacidade de nos comover profundamente, costuma arrancar-nos a satisfação e invocar a beleza do silêncio.”<sup>32</sup> Assim, cada um dos fatores que atuam no espaço vão caracterizar o jogo entre a luz e sombra transformando a essência de cada lugar.

A escolha feita da introdução de luz verticalmente recai numa das abordagens, ao que Alberto Campo Baeza chama de “luz vertical”. Esta “resulta da entrada dos mesmos raios em aberturas feitas no plano horizontal superior.”<sup>33</sup>, transmitindo assim diferentes sensações e estados de espírito.

---

<sup>30</sup> BAEZA, Alberto - A ideia Construída. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013. p. 50.

<sup>31</sup> Ibidem. p. 50.

<sup>32</sup> BAEZA, Alberto - Pensar com as mãos. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p. 53.

<sup>33</sup> BAEZA, Alberto - A ideia Construída. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013. p. 20.

### 5.3 Programa e Funcionalidade

Apresenta-se assim, um Cine Teatro de pequena dimensão, composto por quatro pisos, com uma área total de 2191.29 m<sup>2</sup> “ área bruta”.

QUANDO DE ÁREAS (áreas brutas)	m <sup>2</sup>
Piso 2	35.97
Piso 1	494.87
Piso 0	1358.17
Piso -1	302.28
Total	2191.29
Área do lote	1543.58
Área de implantação	1315.00
Área não ocupada do lote	188.80

Fig. 5.3.1 Tabela síntese de áreas brutas do projeto.

Esta proposta de reabilitação e requalificação - Antigo Cine teatro de Chaves tem como objetivo dinamizar e enraizar uma área do país, cuja atividade cultural está em crescimento, contudo que é subestimada e rejeitada. Pretende-se aumentar as potencialidades da região interior-norte, dando oportunidade e valor a talentos, num espaço ao alcance de qualquer olhar, cuja área se situa estrategicamente na freguesia de Santa Maria Maior num ponto central do seu centro histórico. Há ainda a intenção de referenciar a importância do lugar e a cidade, do ponto de vista arquitetónico, num elemento que se destaca numa cidade de origens remotas e cuja dinâmica de arquitetura se encontra atualmente quase estagnada.

O programa foi dividido em duas grandes partes. Por um lado uma parte mais pública, os átrios de entrada “foyers” e zona de convívio. Estes espaços permitem um conjunto de ligações distintas entre as várias zonas técnicas, as instalações sanitárias públicas, aos diferentes níveis da sala e acesso à cabine de projeção.

Este bloco conta ainda com um núcleo de elevador, destinado a utilizadores com mobilidade reduzida, quebrando a barreira física das escadas assim, simultaneamente atingi níveis de conforto e de qualidade desejados para os utentes, para além de circulação para o exterior, possuem iluminação e ventilação natural. Estas zonas pelas suas características acabam por funcionar como janelas e entradas principais ao mesmo tempo, interligando o exterior com o interior.



Para além da articulação volumétrica, a expressão arquitetónica do cine teatro revela-se nos planos verticais envidraçados, cujas dimensões estão relacionadas com o programa, e na relação dos planos de cor “branca e cinza” usados no interior dos *foyers*. As grandes superfícies envidraçadas realçam a importância do equipamento cultural na frente urbana do centro histórico.

A segunda parte, mais privada que engloba toda a organização cénica da sala; esta abrange a plateia e balcão, caixa de palco e respetivo proscénio, fosso da orquestra e camarins.

O auditório com uma redução de 345, conta agora com 606 lugares sentados distribuídos pela plateia e balcão; seis destes são destinados a utilizadores com mobilidade reduzida situados no balcão facilitando o seu acesso. É completado por duas saídas de emergência, uma de cada lado da plateia.

Por último, os camarins localizados à direita completam a “caixa mágica”, com ligação direta ao palco, um espaço com três pisos, organizado com depósito, espaço para músicos, camarins individuais e camarins duplos ou para grupos.

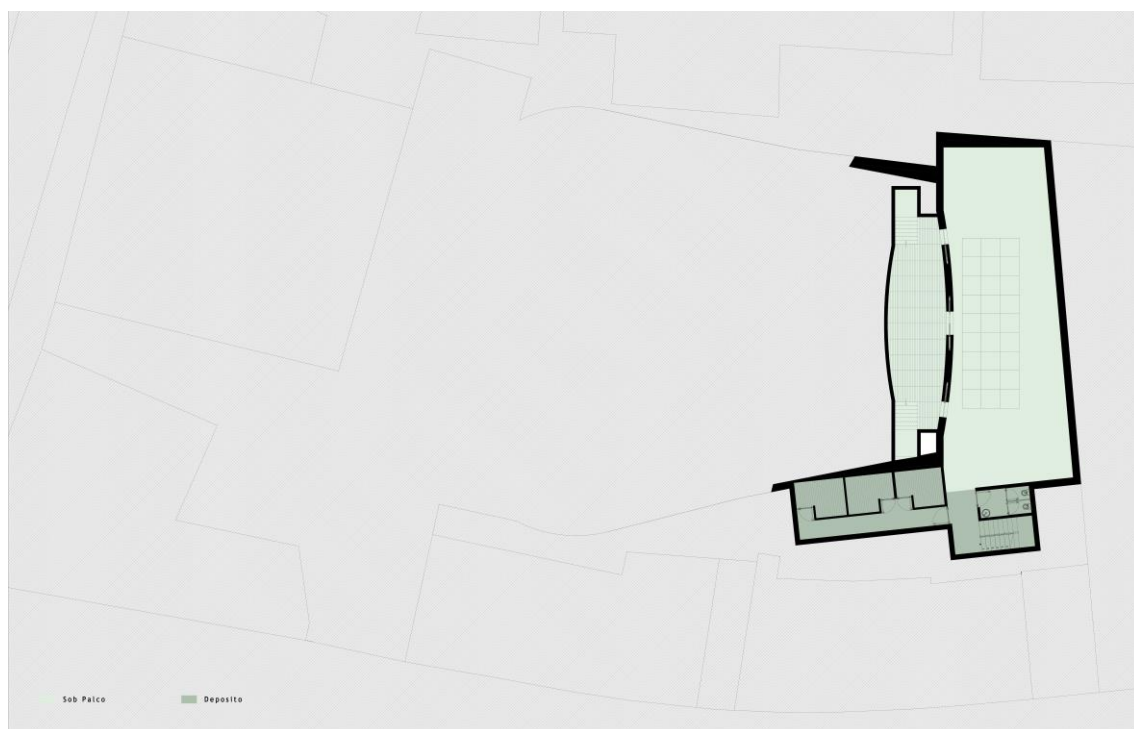


Fig. 5.3.2 - O programa piso -1

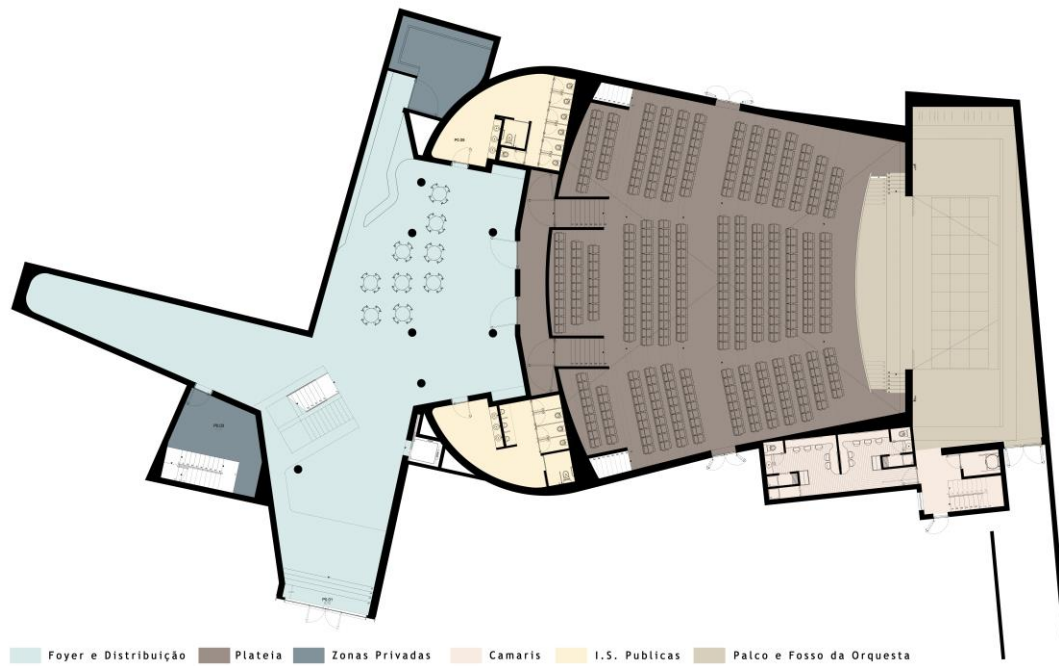


Fig. 5.3.3 - O programa piso 0

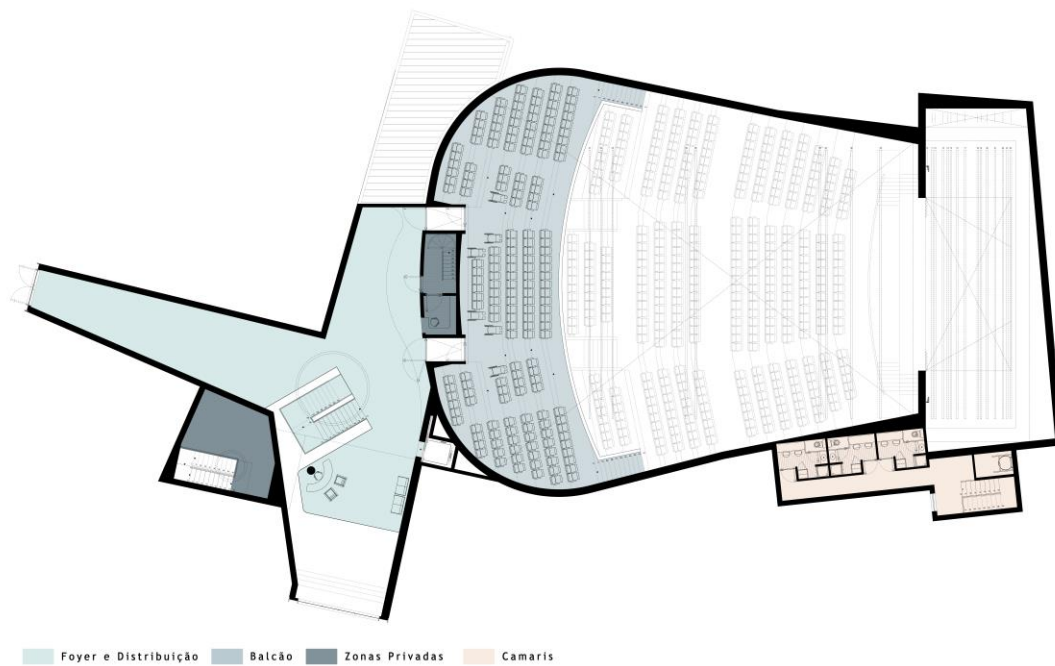


Fig. 5.3.4 - O programa, piso 1

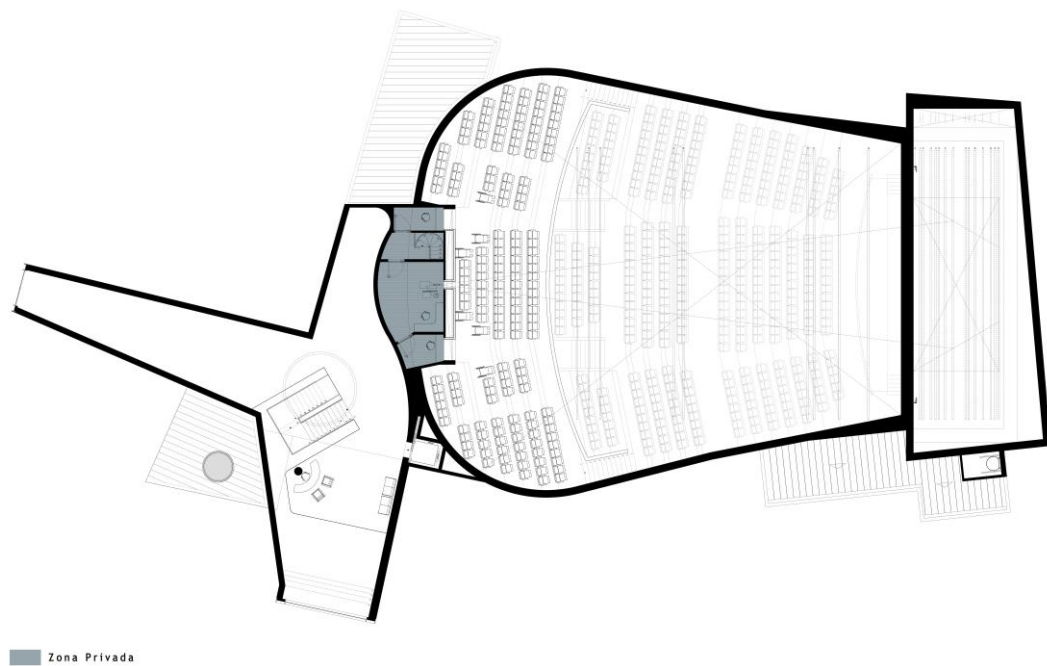


Fig. 5.3.5 - O programa, piso 2

## 5.4 Questões Formais

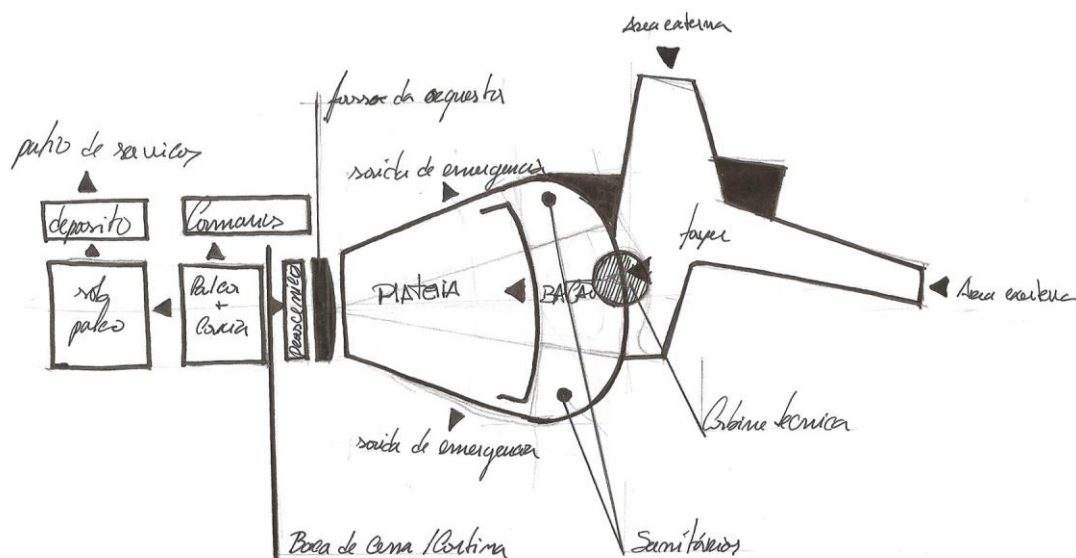


Fig. 5.4.1 - Diagrama formal da proposta.

A formalidade aqui concebida surge do conjunto de análises feitas anteriormente, que foram determinantes para o resultado final. Uma proposta baseada em jogos geométricos e referências que foram fundamentais para o processo criativo da proposta.

O objetivo aqui não é a criação de um ícone, mas pelo contrário dar um novo protagonismo valorizando o existente, a frente urbana e o centro histórico; o diálogo entre o existente e o contemporâneo existe, existindo assim também a relação temporal entre o antigo e o novo, em que o novo não se pode sobrepor ao antigo, mas sim coexistindo em harmonia.

Tendo esses fatores em consideração, o objetivo inicialmente seria tal como nos casos de estudo do Cine Teatro de Fafe, Alba e Virgínia, dar a entender a importância dos antigos edifícios. Elementos que marcam a cidade, através do imaginário da população, dinamizadores da vida cultural fomentando o contacto da população. Por motivos específicos do caso em questão, adequado à sua localização e forma menos livre, adaptado às construções vizinhas existentes, como por exemplo o facto de ser um local de pouca visibilidade para a rua, as fachadas não poderão ser mantidas; será assim necessário atribuir uma nova altura de 9.29 metros e uma nova afiguração, tirando partido do exíguo espaço livre presente, aproveitando ao máximo a luz e a mais importante artéria da cidade.

Depois da análise às entradas, e atribuídas as dimensões, perlongadas as linhas laterais dando-lhes continuidade funcionando como elementos e guias de organização, tratando o interior de fora para dentro de maneira a abrir o espaço, alterando de modo significativo a geometria inicial e libertando o *foyer*, estes elementos organizam o espaço. Mesmo que este seja um fator não perceptível aos olhos do utilizador, foi determinante para o processo criativo da proposta.

Em seguida, é desenhada a escada, elemento de união entre espaços através de dois lanços contínuos em “U” que se desenvolvem no centro do corpo “*foyer*”. Estando destinada, fundamentalmente como eixo de passagem desta mesma zona, acaba por funcionar também como rótula de orientação no lugar através de uma linguagem contemporânea e quase poética no seu interior. Iluminada superiormente por uma grande clarabóia circular envidraçada de superfície côncava, estendendo o olhar para quem sobe, prolongando a vista para o exterior do edifício. Para conclusão, desta zona é criado um pequeno espaço destinado a café convívio marcado por um balcão de linhas onduladas, que remata e organiza o jogo do cheio e vazio, e da luz e sombra, conferindo-lhe transparência, que torne o espaço atrativo ao gosto atual.

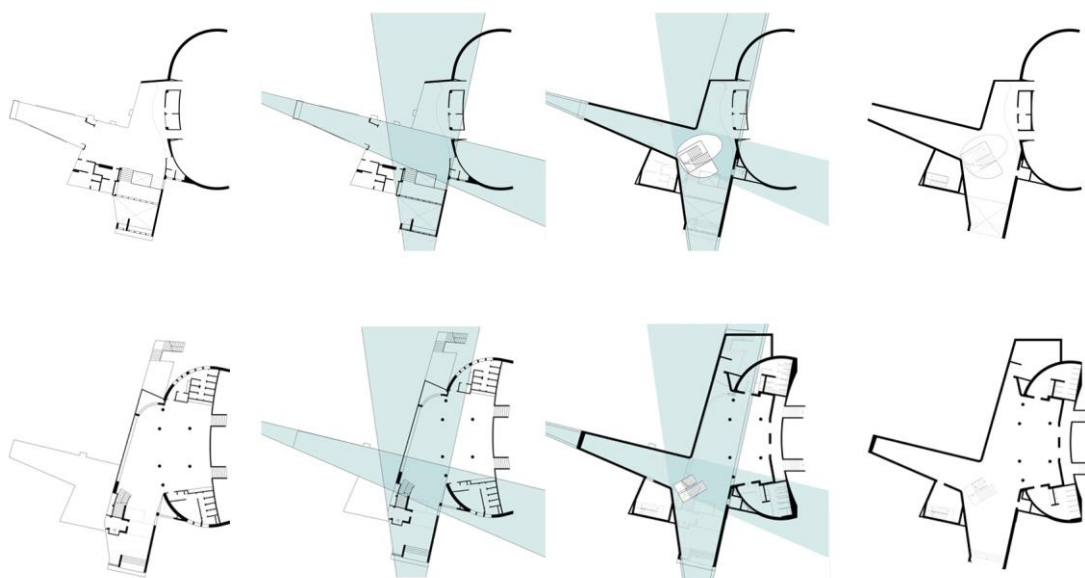


Fig. 5.4.2 - Estratégia criada para a zona do *foyer* e distribuição.

Neste caso, o que define a questão formal da sala é a sua nova altura de 12.00 metros, o novo volume resulta numa linguagem diversa, em que ressalta a modernidade do alto corpo ondulado do teto, construído em madeira, uma vez que incorpora na sua estrutura toda as condicionantes acústicas, fechando e encerrando a sala de espetáculos. Formado, em planta, uma espécie de ferradura, esta grande sala possui uma zona principal de plateia, e uma segunda zona de balcão, mais alta e com menor área.

Inicialmente, o visitante ficava preso pela divisão física do balcão, chegando mesmo a sair para poder aceder ao resto da sala. Parte desta estratégia é acabar com esta barreira de modo a enfatizar o total acesso entre elas, criando um único espaço de anfiteatro com quatro pontos de entrada e duas saídas de emergência, melhorando a deslocação dos utilizadores no seu interior, proporcionando um melhor conforto e deslocação.

O percurso é simples, existe uma tentativa de o indicar mas, ao mesmo tempo, existe uma liberdade dada, de procura e usufruição do espaço.

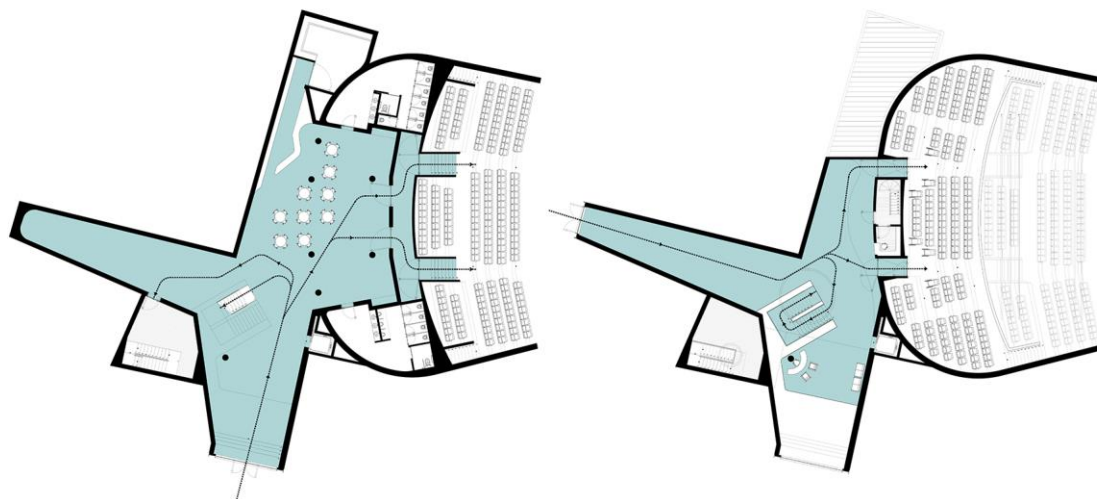


Fig. 5.4.3 - O percurso, *foyer* do piso 0 e piso 1.

Outro detalhe importante a ter em conta, foi a função do edifício, assim como a escolha da poltrona a utilizar, esta recai na “poltrona Flame 13107”<sup>34</sup> concebida pelo arquiteto português Filipe Oliveira Dias, como refere “ uma poltrona é uma peça muito exigente. De uma perspetiva essencialmente técnica, estas devem ser fortes e duradoras, ter uma fixação ao chão estável e um mecanismo de articulação forte, não emitir o menor ruído ao serem utilizadas e facilitar a limpeza da sala. O espaço que deve ocupar uma poltrona, mesmo proporcionando a máxima comodidade, deve ser mínimo e quando está fechada tem de ser esbelta. Assim, cada um dos espetadores terá mais espaço e será mais fácil ocupar os lugares vazios da fila.”

Dentro desta ótica, a *flame* satisfaz todas estas amplas exigências e, do ponto de vista estético, é bela, inspirada na música e nas linhas de uma harpa. A sua presença enche a sala e é o primeiro impacto visual. Pela mesma razão devem possuir propriedades acústicas que simulem as características de uma sala com uma ocupação de 80%, mesmo estando desocupadas. A sua linguagem contemporânea é quase poética.

<sup>34</sup> DIAS, Filipe Oliveira - arquiteto, Designer da poltrona Flame 13107 com características acústicas especiais projetada para auditórios, teatros, salas de conferências e congressos. É construída pela prestigiada empresa Figueiras International Seating.



Fig. 5.4.4 - Poltrona Flame 13107.

Pela mesma razão, tendo em vista estas especificidades, foi desenhada uma nova configuração para a sala, melhorando a comodidade e visibilidade direcionando-a inteiramente para o palco, assim como os acessos, e utilização dos percursos, fazendo do espaço interior um espaço contínuo, o que conduziu a uma redução significativa do número de espetadores, que conta agora com capacidade para 606 lugares sentados distribuídos por 22 filas.

De igual modo, foi ainda feito um estudo para o fosso de orquestra, indispensável para espetáculos de ópera. O fosso de orquestra situa-se por abaixo do sub palco, foi criada uma plataforma hidráulica de dupla tesoura que pode ser elevada por sistema motorizado, vencendo dois níveis de ajuste, o primeiro a uma altura de 2.23 metros com lugar destinado à orquestra, e o segundo de 5 metros, uma vez que dá uma nova configuração ao palco, aumentando a sua profundidade, proporcionado um maior contacto da plateia com o espaço cénico, aumentando a variedade de espetáculos.

Assim, no interior da caixa de palco ficam instalados os varandins, que são a teia, para toda a imprescindível fixação de equipamentos e para a sua manipulação em apoio ao trabalho cénico. Em conformidade com estas exigências a própria caixa vai sofrer um aumento de 6.80 metros, permitindo mudanças rápidas no decurso do espetáculo, sem que a audiência se aperceba.

Por fim, os camarins também eles vão sofrer uma transformação na geometria interior, estes, destinados para os artistas encontram-se distribuídos por dois pisos em direta comunicação com o palco. Existem camarins individuais e coletivos, ambos com todas as condições sanitárias.



## 5.5 Materialidade

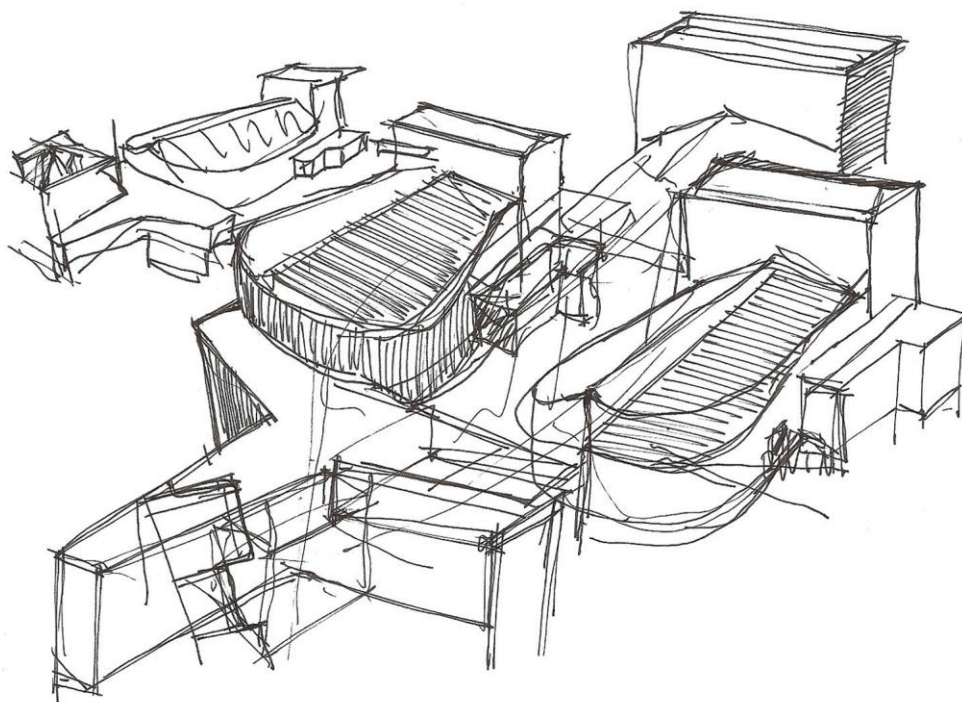


Fig. 5.5.1 - Esquisso formal da proposta.

Ao longo da proposta foi sempre considerada a materialidade do edifício. Uma vez que pretende ser centrada e desenvolvida em duas partes, como consequência dessa ideia, a luz e acústica são as premissas principais de organização e escolha dos materiais para cada zona do projeto. Logo esta relação pretende promover o diálogo entre todos espaços.

As entradas, cuja localização se mantém, com um novo e moderno desenho aliado ao material, como se de uma janela se tratasse. Com função de, ver de fora para dentro, perlongando o olhar, e dar a máxima transparência ao edifício, para que os cidadãos que passam à frente do Cine Teatro, tenham noção do que se passa no seu interior e se interessem e sintam desejo de participar.

A escolha do material, recai num grande e limpo plano vertical envidraçado. Envolto à esquerda e direita, por dois perfis HEB 400 reforçando a sua verticalidade, do mesmo modo é fechado superiormente por um HEB 600 que remata e serve de suporte à cobertura do *foyer*. As fachadas ganham ainda mais protagonismo e visibilidade, com o restauro e preservação dos candeeiros de rua existentes na antiga portada, característicos da cidade, conferindo-lhe um carácter intemporal intrinsecamente ligado ao lugar.



Em relação ainda ao exterior, é importante salientar, que devido à sua implantação e condições climáticas registadas nesta zona interior-norte, propícias à formação de geadas constantes optou-se pela escolha do material - chapa de zinco. A cobertura e todo corpo da sala de espetáculos seriam revestidas a chapa de zinco de junta agrafada, numa expectativa de manter a integridade de todo o volume, prologando a sua vida.

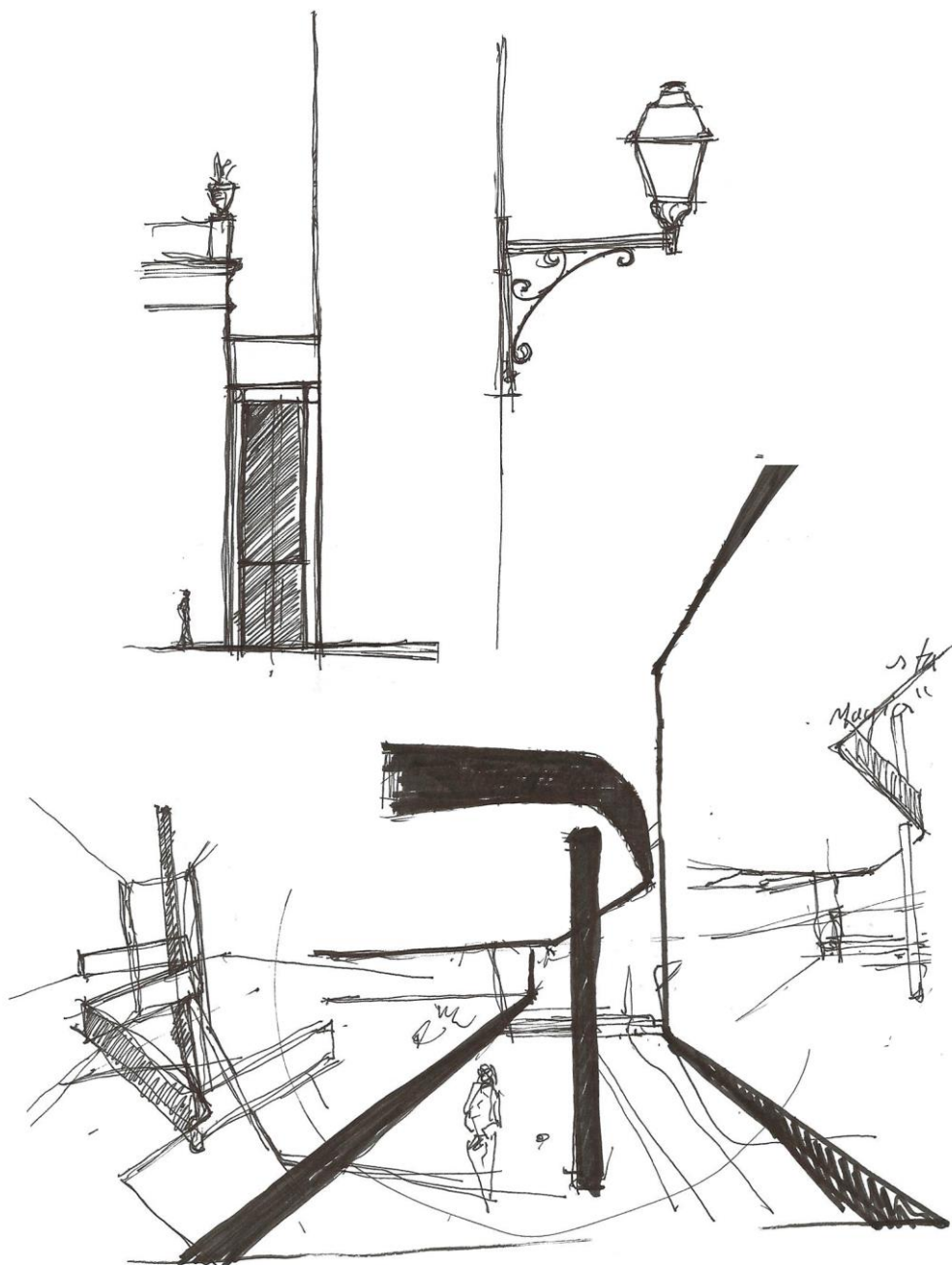


Fig. 5.5.2 - Esquissos da materialidade interior e fachada.

Já no interior do *foyer* e átrio de distribuição, opta-se por um acabamento ligeiro e cuidado. Nesse âmbito, as paredes interiores expostas ao visitante serão paredes simples de alvenaria de tijolo rebocado, estucado e pintado na cor branca, a “cor da luz”, adquirindo um equilíbrio interior de frescura e de continuidade. A cor branca compõe e delimita todos os espaços, de paredes e tetos, e com isso dá a ideia de um espaço interior maior. É iluminado também na vertical, por sancas de luz indireta, a luz escorre pela parede ao longo de todo o seu comprimento, refletindo todos os raios luminosos.

Este contraste de luz entre os diferentes espaços, assim como a cor usada neles, é feita numa tentativa de criar distintas atmosferas, assumindo uma arquitetura baseada na cor, forma e texturas iluminadas.

Em relação ao pavimento, optou-se por um remate em sistema autonivelante à base de resina de epóxi, ou poliuretano de cor cinza, conferindo-lhe limpeza, solidez e continuidade, que se estende ao longo de todo o pavimento. Deste modo, o corpo da guarda em chapa de aço em preto do *foyer*, e escada também ela em aço com corrimão interno em madeira de “faia”, rematam e encerram essa continuidade.

Já no auditório, essa materialidade é dada pela acústica, imprescindível para a conceção e formalismo, e na escolha dos materiais mais apropriados a utilizar nele. A acústica implica diferentes tipos de desenhos na prática arquitetónica que devem integrar vários requerimentos estéticos, funcionais, técnicos, artísticos, e económicos conseguidos através da forma, dimensão, disposição ou composição das partes, assim como a sua volumetria.

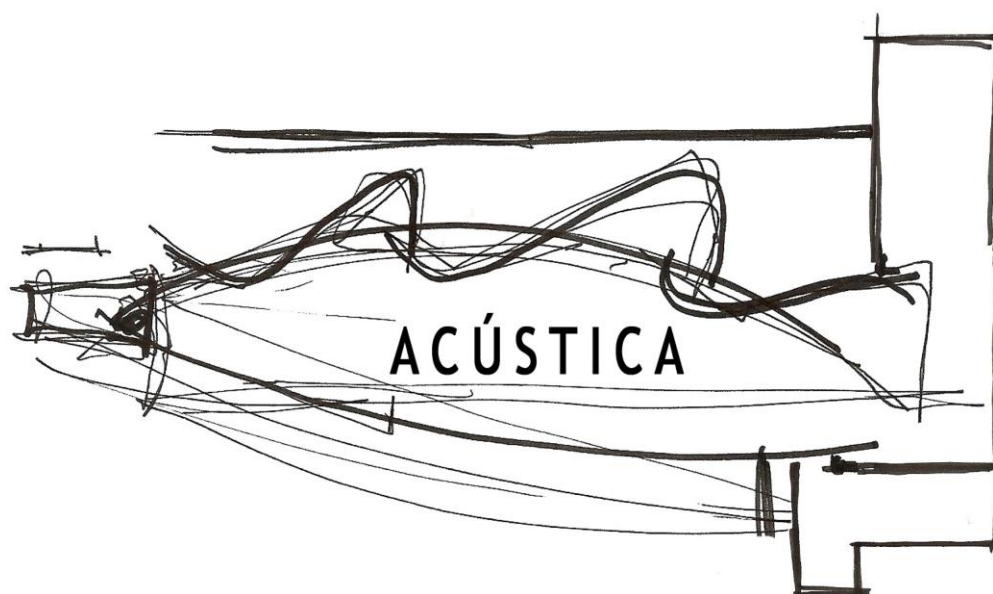


Fig. 5.5.3 - Esquisso da materialidade interior do auditório.

Nesse âmbito é importante referir o papel dos materiais que requerem determinadas características e de técnicas de aplicação para parede, teto, e chão, que se tornam cruciais na caracterização sonora do espaço, definindo a intensidade do corpo do som, a sua reverberação e as suas frequências.

Por um lado, materiais rugosos difundem o som, tornando o ambiente sonoro mais homogêneo. Materiais de superfícies lisas apresentam reflectância às ondas sonoras, permitindo direccionar o som para um determinado ponto da sala. Esta opção é usada no teto do auditório.

Já nas paredes laterais da sala são usados matérias de superfície irregular dispostos sequencialmente, para uma difusão mais correta das frequências sonoras, tornando o espaço mais uniforme criando um bom ambiente acústico interior. Neste âmbito foram realizados alguns esquemas de reflexão do som, em corte e planta, apoiados nos regulamentos em vigor para este tipo de equipamentos, que permite equalizar um determinado ambiente sonoro através da escolha mais acertada do material, e como usar esse mesmo material em cada zona do auditório.

O Regulamento dos Requisitos Acústicos dos Edifícios “RRAE” foi aprovado pelo Decreto-Lei n.º 129/2002 de 11 de maio. Este Regulamento regula a vertente do conforto acústico no âmbito do regime da edificação, contribuindo para a melhoria da qualidade do ambiente acústico e para o bem-estar e saúde das populações, em articulação com o regime jurídico relativo ao ruído ambiente, nomeadamente o Regulamento Geral do Ruído (RGR), aprovado pelo Decreto-Lei 9/2007 de 17 de janeiro.

Em 2008 foram introduzidas alterações ao RRAE com a publicação do Decreto-Lei 96/2008 de 9 de julho, que atualizou os parâmetros de desempenho acústico dos edifícios e os indicadores do ruído de equipamentos e instalações, e estabeleceu explicitamente procedimentos de avaliação de conformidade com as normas definidas no Regulamento, visando a melhoria da qualidade habitacional no País, tanto para edifícios novos como para os edifícios existentes que venham a ser objeto de reconstrução, ampliação, ou alteração.

Com a aprovação do Decreto-Lei 96/2008 de 9 de julho foi também alargado o âmbito de aplicação do RRAE, incluindo, agora, critérios mínimos para os edifícios de unidades hoteleiras e requisitos mínimos para auditórios, salas de espetáculo e cinemas de modo a evitar a necessidade de posteriores correções acústicas. Introduziu-se um desagravamento dos requisitos exigíveis em termos de isolamento sonoro dos espaços interiores em edifícios em processo de reabilitação situados em zonas históricas, de modo a tornar exequível a adoção de soluções construtivas que confirmem identidade patrimonial e histórica.

Na sua redação atual, o RRAE “Decreto-Lei n.º 129/2002 de 11 de Maio, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei 96/2008 de 9 de julho”, no seu Artigo 10.º-A, estabelece os

requisitos a cumprir no projeto de auditórios e salas. Os requisitos do referido Artigo 10.º-A, com especial relevo para o projeto arquitetónico elaborado no âmbito da presente dissertação “Projeto de reabilitação e Reabilitação - Antigo Cine Teatro de Chaves”, por interferirem diretamente na configuração geométrica, são os que constam nos Pontos 1 e 2. Os restantes requisitos relativos aos índices de isolamento acústico a sons de condução aérea e de percussão, bem como os indicadores do ruído de equipamentos e instalações, serão tratados numa fase mais avançada do projeto, no âmbito dos projetos de especialidade.

O Ponto 1 do Artigo 10.º-A estabelece os requisitos relativos aos recintos cuja principal valência corresponda a atividades assentes na oratória, nomeadamente de auditórios, salas de conferência e salas polivalentes, e nas salas de cinema. O Ponto 2 do Artigo 10.º-A estabelece requisitos adicionais para os auditórios e salas cuja principal valência não corresponda a atividades assentes na oratória, nomeadamente de auditórios para música ou salas de espetáculo.

A alínea a) do Ponto 1 do Artigo 10.º-A estabelece que o tempo de reverberação médio,  $T$ , nas bandas de oitava centradas nas frequências de 500 Hz, 1000 Hz e 2000 Hz, a considerar para estes recintos, quando mobilados normalmente e sem ocupação, deve satisfazer o seguinte:

- i)  $T \leq 0,12 V^{1/3}$ , se  $V < 250 \text{ m}^3$ ;
- ii)  $T \leq 0,32 + 0,17 \log V$ , se  $250 \leq V < 9000 \text{ m}^3$ ;
- iii)  $T \leq 0,05 V^{1/3}$ , se  $V \geq 9000 \text{ m}^3$

em que  $V$  é o volume interior do recinto, em metros cúbicos;

A alínea b) do Ponto 1 do Artigo 10.º-A estabelece que o projeto de condicionamento acústico destes espaços deve incluir um estudo específico destinado a assegurar uma característica de reverberação adequada no restante espectro de frequências e uma boa inteligibilidade da palavra nos diversos locais do recinto.

O Ponto 2 (único) do Artigo 10.º-A estabelece que nos auditórios para música ou salas de espetáculo, o projeto de condicionamento acústico destes espaços deve incluir um estudo específico destinado a assegurar a conformação acústica adequada à sua utilização funcional.

Para dar resposta à alínea a) do Ponto 1 do Artigo 10.º-A, foi avaliado o tempo de reverberação médio,  $T$ , nas bandas de oitava centradas nas frequências de 500 Hz, 1000 Hz e 2000 Hz, utilizando a fórmula de Sabine<sup>35</sup>. Os valores obtidos são apresentados na tabela em anexo, (pág.1), tendo-se concluído que para o tempo de reverberação médio para as frequências acima referidas “fórmula de Sabine”, em segundos é igual a 0.88s, tendo como tempo de reverberação máximo de 0.96s, verifica, conseguindo uma margem para ajustes de 0.08s.

A boa inteligibilidade do som referida na alínea b) do Ponto 1 Artigo 10.º-A, e a conformação acústica referida no Ponto 2 do mesmo artigo, surgem como um requisito, não sendo no entanto quantificável. Subentende-se que este requisito esteja relacionado com a acústica geométrica. Nesse sentido, sendo uma sala com uma configuração geométrica complexa e cuja avaliação da acústica geométrica (inteligibilidade do som) só seria possível com recurso a software específico e, em muitos casos, só depois de construída sala, optou-se por uma análise simplista ao nível do projeto.

A abordagem em termos de acústica geométrica passou por definir, em planta e em corte, a projeção do som a partir de um ponto central localizado no palco. (pág. 26 e 27). A partir desse ponto projetam-se linhas em direção às superfícies que se pretendem que sejam refletoras do som (com baixo coeficiente de absorção), nomeadamente parte da superfície do teto e parte da superfície lateral até determinada profundidade da sala. Uma vez que o som refletido apresenta o mesmo ângulo com a normal à superfície face ao som incidente, é possível ajustar a inclinação do teto de modo a proporcionar uma boa distribuição do som em todo o teatro. Procurou-se que o percurso refletido do som não excedesse o percurso direto em mais do que 17 metros, admitindo que o ouvido humano apenas percebe o eco se o som refletido chegar atrasado mais do que 0,05s face ao som direto. Ora, admitindo uma velocidade do som de 340 m/s, obtém-se os referidos 17 metros como sendo o limite da diferença entre a receção dos dois sons, o direto e o refletido.

O valor máximo obtido para diferença entre a receção dos dois sons (direto e refletido) nunca ultrapassou os 10 metros, pelo que o efeito de eco será presumivelmente reduzido. Em algumas zonas do teto houve necessidade de colocar material absorvente conforme se justifica na proposta. Foi ainda colocado material absorvente no balcão, no chão da sala e na superfície situada na parede do fundo. As cadeiras serão almofadadas para prevenir a reflexão do som caso estas não estejam ocupadas.

---

<sup>35</sup> A Fórmula de Sabine tenta prever o tempo de reverberação. Ela depende do volume da sala ou caixa acústica, da sua área, e do coeficiente de absorção dos materiais que a compõem. Sendo assim, temos a seguinte expressão para o tempo de reverberação  $T$ .

$$T = 0,164 \cdot \frac{V}{S \cdot \bar{\alpha} + 4mV}$$

## CAPÍTULO 6- Conclusão

Como resultado; a reabilitação é um processo demorado, complexo, e vasto. Hoje, por toda a Europa, tornou-se uma prática corrente na arquitetura. A reabilitação constitui uma política de intervenção inovadora e bastante atual, sendo nos centros históricos uma questão prioritária na regeneração e preservação da identidade dos centros (antigos cheios de história) das cidades.

A reabilitação arquitetónica apresenta alguns problemas entre as necessidades e as possibilidades, dado que é um processo bastante dispendioso. Pela mesma razão, uma infinidade de cidades já passaram por situações degradantes, de abandono por parte da população, ao sair dos centros para as periferias, e consequente degradação do seu património. Do mesmo modo, Chaves não passa imune a este fenómeno, a requalificação e revitalização do seu centro histórico é uma prioridade, através da implantação de equipamentos de cultura, recreio e lazer, assim como a criação de condições que ajudem ao restauro e prevenção do seu património arquitetónico, testemunho do imaginário da população e identidade da cidade.

Esta dissertação pretende expor as propriedades do Cine Teatro como equipamento cultural no concelho de Chaves, relevando uma necessidade clara de proteção, reinterpretação e divulgação no centro histórico, permitindo uma valorização do lugar e da identidade nele presente, no contexto que vai em conta à arquitetura acima referida.

Revela as enormes potencialidades do centro histórico, do património arquitetónico e do Cine Teatro em específico, enquanto “objeto” catalisador para o desenvolvimento e competitividade socioeconómica do centro da cidade.

A proposta aqui apresentada responde não só às necessidades exigidas, bem como propõe novas ideias que possam vir a contribuir de algum modo para o futuro do Cine Teatro e de este se inserir na Rede Nacional de Teatros e Cine Teatros da região. E mesmo de Portugal.

Valoriza-se a proposta conceptual e técnica num projeto de arquitetura, com uma abordagem sustentada por uma reflexão teórica. É de salientar a preocupação com o lugar, e do detalhe no projeto e a sua influência no resultado final.

Aqui são expostos alguns dos pensamentos fundamentais para a reabilitação de espaços culturais, bem como para o desenvolvimento dos centros históricos das cidades, onde o protagonista é o Cine teatro.

Pretende também criar um documento que agrupe todas as questões relevantes para este caso em particular, e com isso criar uma base forte, que consiga contribuir de alguma forma, para a reabilitação e requalificação do antigo Cine Teatro da cidade de Chaves.

Por fim, a realização neste trabalho possibilitou um aprofundamento de competências de estudo e análise, bem como o desenvolvimento mais aprofundado de estratégias no processo criativo, e até mesmo na representação desenhada de projeto para aplicação em futuros trabalhos.





## Referências Bibliográficas

- ARQUITETURA IBÉRICA - Reabilitação\_Rehabilitation**, nº 19. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009.
- ARQUITETURA IBÉRICA - Reabilitação\_Rehabilitación**, nº 30. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- ARQUITETURA IBÉRICA - Cultura\_Culture**, nº 34. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2010.
- ARQUITETURA IBÉRICA - Cultura**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005.
- AIRES**, Firmino - **Incursões Autárquicas Resumo das atas da Câmara de Chaves de 1860 a 1960**. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 2000.
- BAEZA**, Alberto - **A ideia Construída**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.
- BAEZA**, Alberto - **Pensar com as mãos**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.
- BARATA**, José Oliveira - **História do teatro português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CABRERA**, Ana - **Censura Nunca Mais, A censura ao teatro e ao cinema no Estado Novo**. Lisboa: Alêtheia Editores, 2013.
- CEPEDA**, João - **Nadir Afonso, arquiteto**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013.
- CHOAY**, Françoise - **Alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- COELHO**, Paulo - **Gonçalo Byrne, Coleção Arquitetos Portugueses**, nº 11. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos, 2011.
- DIAS**, Filipe Oliveira - **Memória Descritiva, Estudo Prévio de Arquitetura**. Porto: Filipe Oliveira Dias, arquiteto. 2005.
- DIETRICH**, Jochen - **Cine Teatros de Portugal**. Leiria: Tipografia LIS, 1998.
- FERNANDES**, José Manuel - **Cinemas de Portugal**. Lisboa: Inapa, 1995.
- FERREIRA**, Carolina Overhoff - **O cinema português através dos seus filmes**. Porto: Campo das letras, 2007.
- MACHADO**, Júlio Montalvão - **Roteiros de Chaves**. Chaves: Grupo Cultural Aquae Flaviae, 1998.
- PEREIRA**, Wagner Pinheiro - **Cinema Português, Um Guia Essencial. Cinema Português de Salazar 1930-1939**. São Paulo: SESI-SP editora, 2013.
- PINA**, Luís de - **A aventura do cinema português**. Lisboa: Vega, 1977.
- PORTUGAL**, Cinemateca Portuguesa. **Cinema vai ao Teatro**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1997,68.
- SILVA**, Helena Sofia - **Álvaro Siza Vieira, Coleção Arquitetos Portugueses**, nº 9. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos, 2011.
- SILVA**, Helena Sofia - **Souto de Moura, Coleção Arquitetos Portugueses**, nº 2. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos, 2011.

**SILVA**, Susana Constantino Peixoto da - **Arquitetura de Cine teatros, Evolução e Registo (1927-1959)**. Coimbra: Edições Almenida, 2010.

**TORGA**, Miguel - **Diário**, vols. IX a XII. Alfragide: Dom Quixote, 1995.

**TORGAL**, Luís Reis - **O cinema sobe o olhar de Salazar**. Lisboa: Temas e Debates, 2001.

## Endereços eletrónicos

Em, <https://www.cineteatrodefafe.com> (online)

Em, <https://www.cineteatroalba.com> (online)

Em, <https://www.casadasartesdoespetáculo.com> (online)

Em, <https://www.teatrovirginia.com> (online)

Em, <https://www.chaves.pt> (online)

Em, <https://www.fafe.pt> (online)

Em, <https://www.albergariaavelha.pt> (online)

Em, <https://www.saojoadamadeira.pt> (online)

Em, <https://www.torresnovas.pt> (online)

Em, <https://censos.ine.pt> (online)

## Arquivos

Arquivo Municipal de Chaves.

- AFONSO, Nadir - Projeto do Cine Teatro de Chaves. Chaves: Memória Descritiva, 1961.

- REIS, Bruno Alves - Projeto do Cine Teatro de Chaves. Chaves: Memória Descritiva, 1962.

Arquivo da Biblioteca Municipal de Chaves.

## Legislação

Decreto n.º 13564 de 6 de maio de 1927.

Decreto Regulamentar n.º 34/95 de 16 Dezembro.

Decreto-Lei 96/2008 de 9 de Julho.

Decreto-Lei n.º 123/97 de 22 Maio.

Decreto-Lei n.º 129/2002 de 11 de Maio, com alterações introduzidas pelo Decreto Lei 96/2008 de 9 Junho.

Decreto-Lei n.º 163/2006 de 8 Agosto.

Masterplan do centro histórico de Chaves, Proposta de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Chaves.

O Regulamento dos Requisitos Acústicos dos Edifícios, foi aprovado pelo Decreto-Lei n.º 129/2002 de 11 de maio.

Programa estratégico “ Chaves Monumental”.

Regulamento Geral do Ruído, aprovado pelo Decreto-Lei 9/2007 de 17 de janeiro.

## Dissertações

**CARNEIRO**, Luís Soares - Teatros Portugueses de Raiz Italiana. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitetura da universidade do Porto. Porto, 2002.

**CUNHA**, João Pedro Alexandre da - Reconstrução Cineteatro da Guarda. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã: Outubro de 2014.

**OLIVEIRA**, Daniel Ramos - Projeto de reconversão de um Cine Teatro em equipamento hoteleiro para a cidade de Mangualde. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã: Outubro de 2013.

**SILVA**, Isabel Maria Cadete Lima da - Arquitetura e Música - Do sensorial à realização do espaço. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã: Outubro de 2013.

## Documentários e filmes

**A SEVERA**. Direção - José Leitão de Barros. Lisboa: Sociedade Universal de Superfilmes, 1930.



## **ANEXOS**

Tabela de avaliação acústica.